

A NOVELLA SEMANAL



BREVEMENTE: "A NOVA PLEIADE"

COLLECÇÃO de pequenos livros de versos a se publicar sob a direcção de Amadeu Amaral (da Academia Brasileira) e destinada a vulgarizar as obras dos poetas novos de grande merecimento, ainda pouco conhecidos do publico.

CADA volume, caprichosamente confeccionado, impresso a duas cores em excelente papel, com artisticos ornatos e solidamente encadernado, será vendido a 2\$500.

Na NOVA PLEIADE somente serão publicadas obras de verdadeiro valor.

Iniciaremos a collecção com o primoroso livro **MANHÃ** do poeta paulista **Graccho Silveira**

SOCIEDADE EDITORA OLEGARIO RIBEIRO — Rua Dr. Abranches, 43 — Caixa, 1172 — S. Paulo



A NOVELLA SEMANAL

DIRECTOR · BRENNO FERRAZ

PUBLICA-SE ÀS SEGUNDAS - FEIRAS

Para os 30 milhões de brasileiros, mesmo descontados os analfabetos; as tiragens dos livros nacionaes são ridiculas. E as edições pequenas encarecem o livro, limitam-lhe a expansão, impedem a razoavel remuneração dos auctores. Vivemos, assim, num circulo vicioso: o livro não se diffunde entre nós porque é caro e é caro porque não se diffunde. Isto succede com o livro bom, pois dos de fancaria se tiram por ahí dezenas de milhares e se esgotam edições sobre edições...

Esta situação, de tão funestas consequências para o paiz, suggeriu a iniciativa da criação deste periodico, que representa um esforço no sentido de vulgarizar a boa literatura.

Popularizar o livro, tornal-o accessivel a todos, sem descuidar de o fazer ao mesmo tempo o mais attrahente possivel pela escrupulosa escolha da materia e pela artistica confecção de cada volume, e depois usar de todos os meios para o diffundir em todo o territorio nacional, de fronteira a fronteira, e entre todas as classes sociaes, desde as mais cultas ás menos letradas — eis ahí, resumido em poucas palavras, todo o nosso programma.

Participando no mesmo tempo da natureza do livro e da revista, A NOVELLA SEMANAL pretende reunir as vantagens desta e daquelle: como a revista, será de leitura leve e variada, será vendida a preço infimo, será apregoada nas ruas, nas estradas de ferro, em toda parte, a toda gente; mas não será futil e de interesse ephemero como ella: pelo fundo — pela qualidade e pela extensão da materia — constituirá uma verdadeira série de pequenos livros, que se encadernarão no fim de cada trimestre, em bellos volumes com os quaes se formará uma bibliotheca literaria realmente preciosa.

Pretendendo ser lida, muito lida, lida por homens e creanças, senhoras e moças, ricos e pobres, letrados e curiosos, pela totalidade, emfim, da população ledora, procurará nos auctores a vida, a acção, o interesse, de modo a constituir o verdadeiro livro popular.

Destinando-se a se tornar um instrumento de propaganda das boas letras — dos melhores auctores e dos melhores livros nacionaes — não se limitará a publicar trabalhos inéditos. Não seria este o melhor meio de se cumprir esta parte do programma traçado, havendo por ahí, esquecida e ignorada da maior parte do publico, tanta cousa optima a pedir um editor. Assim, A NO-

VELLA SEMANAL se propõe a salvar do olvido as melhores paginas esgotadas e as sepultadas em collecções de jornaes e revistas — preciosidades que representam um opulento thesouro literario quasi de todo desconhecido e inacessivel. Das obras ainda em extracção no mercado livreiro, destacará — a exemplo do que se faz em varios paizes, em anthologias de grande e pequeno tomo, didacticas e populares, e em publicações periodicas — as que sejam a melhor mostra do livro e do auctor, de sorte a despertar nos leitores o desejo de ler os livros que, sem esse reclame, muitos provavolmente nunca leriam. E isso fará fornecendo ao mesmo tempo todas as indicações precisas para que qualquer pessoa possa fazer encomenda, ao seu livreiro ou directamente ao editor, da obra da qual se apresentou aqui uma pequena amostra e das outras obras do mesmo auctor. Esta publicação constituirá, portanto, ao mesmo tempo que um abundante repositorio de informações bibliographicas, uma selecta de pequenas obras excellentes, organizada com o fito do tornar melhor conhecida a nossa literatura, dentro das nossas proprias fronteiras.

Não viveremos, porém, de alhoia seiva. Teremos a nossa collaboração especial, de um punhado dos mais notaveis escriptores contemporaneos e acolheremos com prazer — e remuneraremos — todos os trabalhos interessantes que nos sejam enviados por auctores conhecidos e desconhecidos, consagrados o estreatos, comtanto que tres obras tenham valor e sejam conformes com a feição da NOVELLA, isto é, que tenham pequena extensão e possam ser lidas por toda gente.

Preferimos dar maior desenvolvimento á edição do conto e da novella nestes volumes, por serem esses os generos que contam, entre o publico, maior numero de apreciadores. Mas não nos restringiremos a elles, embora delles tenhamos tirado o titulo desta publicação. Todos os outros generos terão o seu lugar no nosso supplemento, verdadeira gazeta literaria de pequenas proporções, onde se encontrará um pouco de tudo o só do melhor.

Eis ahí ao que vem A NOVELLA SEMANAL, que se colloca á disposição do publico, dos auctores e dos editores, aos quaes deseja servir e dos quaes espera receber um acolhimento sympathico.

Os EDITORES.

Aos auctores

Accettarems com prazer toda collaboração interessante para qualquer das secções deste periodico.

Os auctores devem nos remetter os seus trabalhos, declarando o seu nome, endereço e o preço pelo qual nos offerem a sua collaboração.

Os originaes devem ser escriptos de um só lado do papel, em calligraphia bem legivel e de preferencia dactylographados.

Toda a correspondencia deve ser endereçada á Sociedade Editora Olegario Ribeiro — Caixa postal n. 1172 — S. Paulo.

Aos editores

A NOVELLA SEMANAL publicará com prazer, e gratuitamente, o titulo, nome do auctor, preço e nome e endereço do editor, de todas as obras editadas no Brasil, bastando para isso que os editores lhe enviem aquellas indicações.

De todas as obras das quaes lhe for remettido um exemplar, publicará além disso uma noticia critica.

Aos leitores

A NOVELLA SEMANAL ambiciona ser lida em toda parte: cidades, villas, povoações, estradas de ferro, navios, hotéis, clubs, bibliothecas, etc., estando por isso organizando um serviço de distribuição que será o mais completo possivel, de sorte a não haver ponto do territorio nacional onde não tenha leitores e não seja encontrada á venda. Para obter este resultado contamos com o auxilio dos nossos leitores, aos quaes pedimos que nos indiquem endereços de livrarias, agencias e vendedores de jornaes e pessoas e instituições que possam se interessar pela venda ou leitura deste periodico em qualquer localidade, por insignificante que seja.

Interessados tambem em conhecer os escriptores e poetas de merito de todos os Estados e de todas as épocas, afim de lhes poder divulgar a obra, muito agradeceremos qualquer indicação que a este respeito nos seja fornecida, rogando a todos quantos

queiram nos auxiliar neste trabalho que nos enviem relações de auctores e de livros publicados, de modo a nos habilitar a adquirir os volumes para os examinar.

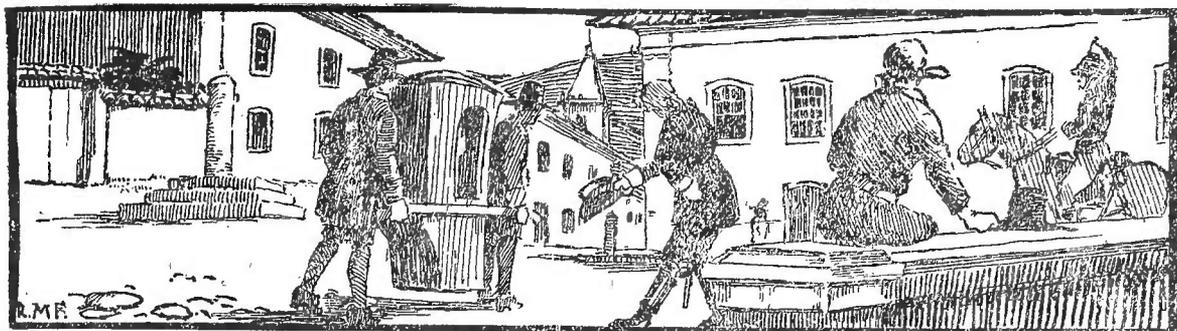
Importante

Toda pessoa que angariar tres assignaturas da NOVELLA SEMANAL, enviando-nos adeantadamente a respectiva importancia, terá direito a uma assignatura gratuita.

A toda pessoa que angariar qualquer numero de assignaturas da NOVELLA SEMANAL offereceremos a titulo de brinde, livros, escolhidos no catalogo de qualquer livraria do Brasil, no valor de 20 o/o sobre o preço total das assignaturas angariadas.

Assignaturas

Anno	20\$000
Semestre	10\$000
Trimestre	5\$000
Numero avulso	\$400



ANNO I

A NOVELLA SEMANAL - São Paulo, 9 de Maio de 1921

NUMERO 2

O SUPER-HOMEM E O
"TROUXA" — Amadeu
Amaral.

O DESTACAMENTO —
Godofredo Rangel.

FRUTA BRAVA — Afranio
Peizoto.

SUMMARIO

TERRA PROIBIDA —
Oscar Lopes.

SUPPLEMENTO — A vida
anecdótica e pittoresca
dos grandes escriptores

Monteiro Lobato - B. F.

Curiosidades literarias - Eu-
clydes da Cunha no Perú.

Vida literaria - A moderna
orientação da novella.

Os nossos poetas - Os ver-
sos do Imperador.

O SUPER-HOMEM E O "TROUXA,"

Julio de Sá passou e repassou distraidamente o guarda-napo sobre os beijos carnudos, distendidos num vago sorriso tranquillo. O companheiro de mesa, que ouvira calado a abundante narrativa, aconchegou a gola erguida do sobretudo, e, com uma voz cujo timbre e cuja toada diziam, antes e melhor que as palavras, a indole de uma filosofia de resignação e de comodismo :

— Mas isso cança, ó Julio, não cança ? De todas essas aventuras, de todas essas idas e vindas, viagens, festas, pandegas e idilios, o que tens tirado, de certo, é a conclusão de que não ha como a gente viver na sua terra, com os seus...

Julio de Sá cravou os olhos nos do comensal, carregando o cenho.

— Estás doido. Eu quero lá saber de socego ! Eu quero lá saber de calma, de paz, de vida metódica ! Não nasci para isso, meu velho.

E o outro, apertando com as mãos a gola do sobretudo, o guarda-chuva entre os joelhos :

— Gostas então de uma vida desordenada e áspera ?

— Quanto mais, melhor. A vida de carneiro não me tenta. A agitação é uma necessidade do meu temperamento. E mais: é uma maneira por que eu entendo, cá por umas ideias, que devo viver a minha vida. Se eu não fosse um exuberante por natureza, seria um agitado por convi-

ção. Para mim a vida que merece ser vivida é a vida ultra-movimentada: movimento incessante, em todos os sentidos ; expansão fisica, expansão afectiva, expansão dos instintos, expansão do espirito ; viagens e lutas, paixões e negocios, prazeres, jogo, carraspanas, arte, mulheres, sport, tudo, é tudo de pressa, sem parar em coisa alguma nem em parte alguma.

— Então, é convicção tua...

— Convicção, sim, senhor.

— Convicção, não, senhor. Dize que tu gostas, que o teu temperamento te leva por aí, que o teu feitio dá para essa vida dispersiva e doida. Convicção, é que não. Que diabo de convicção pode ser essa, ó Julio ! Tu confundes os termos...

— Não confundo nada. O que estou é com a boca sêca. Este diabo de vinho... «Garçon», mais meia garrafa de cerveja aqui para este senhor, e vê se me arranjas aí um «Bourgogne» gelado, mais decente do que essa coisa que me deste ha pouco. Digo-te que não confundo nada. Repito que, se assim não vivesse por temperamento, viveria assim por efeito de uma maneira minha de encarar as coisas. Não sou um simples praticante, sou um teorista da vida superactiva. A existência repousada, assente, dentro de um quadro prefixado, com principios gerais imutaveis e com um programa particular miudamente estabelecido,

é apenas um atentado contra a natureza. A vida do homem não pôde ser uma construção architectonica, com terreno escolhido a dedo, com plantas matematicamente organizadas, com materiais conhecidos, com destinação certa. Toma nota deste teorema negativo: a nossa vida não é uma construção. A nossa vida é apenas isto: vida — uma coisa cuja essência e cujo sentido nos escapam, que nos é superior, que nunca conseguiríamos abarcar nos limites da nossa consciência, porque esta não lhe apreende senão umas pálidas fálhas, nem subjugar á nossa vontade, que só é forte quando se lhe submete a éla...

Todos os princípios morais com que nós pensamos dominar a matéria e o instinto se reparam em duas classes: ou são inerentes á propria indole das coisas, e nesse caso não valia a pena gastar tanto tempo e tanto esforço em compendiá-los, ou são puro artificio humano, inútil e ridiculo como a pretensão de um sujeito que fosse prégar normas de movimento e de orientação ás ondas do mar. De resto, nem podemos saber quais são os princípios que existem na propria natureza e quais os que éla desconhece e rejeita. Não ha normas de vida! Nenhuma norma. Ninguém sabe se o santo que passou pelo mundo empanturrado de virtudes, dizendo palavras de concórdia e de piedade, distribuindo beneficios aos homens, não terá feito maior mal *ao homem* do que o bandido de alma opaca e de mãos mortíferas... Aquele que espalha esmolas e consolações pode garantir e suavizar a existência a alguns que consideraria menos dignos dela; o que cria exaltações e represálias em torno de si coopera para a formação de corações fortes, de almas altivas, de energias indómitas.

E, de pé, batendo no ombro do amigo estartecido:

— A vida é para ser vivida. Viva cada qual a sua vida. A maior virtude que um homem pode ambicionar é a de viver — amplamente, desassombadamente, sem restricções, sem liames, sem dobras, sem receios, deixando livre ao proprio ser o máximo de expansão a que éle possa atingir. Aí tens a minha moral, e aí tens o que eu faço: vivo, num esforço contínuo, numa contínua agitação, sempre fremente, inquieto e anelante, sempre envolto na maravilhosa nuvem das sensações que me mandam os sentidos hiperestesiados, tudo vendo, tudo palpando, tudo experimentando. Vivo, numa palavra, durante o meu fugitivo minuto de existência, a própria vida eterna, magnifica e indecifrável do universo. —

E sabes que mais? Vamos embora.

Julio de Sá tomou o chapéu, e, acendendo um charuto:

— Vais para casa? Pois vamos juntos. Eu não vou a parte nenhuma. Talvez recolha tambem.

E os dois, braço dado, saíram da claridade e da tepidez do bar, mergulhando na cerração da rua, ponteadada de pequenos borrões de luz. Julio de Sá, as mãos enfiadas nos bolsos, a bengala a emergir de um dêles, encostada ao ombro, apoiava-se rudemente ao braço do companheiro pachorrento, e falava sempre, numa voz cada vez mais pastosa:

— Tú não vives, meu caro Lucas, tú não conheces a vida...

O outro tentou uma réplica. Não conhecia a vida que éle, Julio, levava e exaltava, mas conhecia-a por uma outra face, menos fascinadora talvez, mas com certeza mais nobre. Era a vida apagada, subterranea e soffredora do maior numero, a vida feita de sacrificios quotidianos, de desejos contidos, de aspirações imoladas, de sonhos recalçados, de trabalho tenaz, absorvente, esmagador, opiniático, heroico...

E sublinhava com o gesto o ultimo qualificativo. Tinha a sua poesia, pois não tinha? Mas o Julio, feroz:

— Poesia! A poesia do Dever, hein? Que raio de poesia tu achas numa vida artificial, toda de restricções duras, que te foi imposta sem discussão nem consulta, e que assim acceitas e praticas? A poesia da canga... a poesia da polé...

Gaguejando estas coisas, Julio sacudia pesadamente o braço do amigo. E, num repelão forte, que o levou de brusco á parede:

— E' isso que tu achas belo, meu pedaço d'asno?

O amigo pachorrento olhou-o na cara, insultado, e fez o gesto de quem queria desvencillar-se e ir embora. Mas Julio de Sá reteve-o. Ora essa! Já não se podia brincar! Deixasse de tolices. Amigos sempre...

Agora Julio de Sá, com o chapéu atirado para a nuca, pendurava-se ao braço do camarada, resmungando desculpas entremeiadas de elogios e de indirectas. Estava maçador, carinhoso e irritante. Sucumbido sob a dura prova, Lucas ia e vinha, aos boléus, jungido ao braço pesado do boêmio, ao longo da interminavel rua deserta. Passou um carro. Lucas meteu-se nêle com o importuno, resignado a sofrê-lo até que o largasse em casa. Abandoná-lo não podia, não seria decente. Tinha de ser naquela hora o seu arrimo; era o seu protector forçado. O super-homem de-

pendia, naquele momento, do seu sacrificio; sem este, talvez tivesse de dormir na rua, como um beberrão vulgar, ou num posto de policia.

Aos solavancos do carro, sob o ar frio que zunia na coberta, Julio espalhou-se molemente nas almofadas, as pálpebras descidas sobre os olhos mortifcos. E quando chegaram á casa, saltou sósinho, quasi firme, e bateu. Uma luz amarela veju de dentro, por baixo da porta, sobre a soleira. Em seguida silenciosamente, a porta abriu-se, e appareceu o vulto de uma velhinha, vagamente lambido pelo clarão, alongando de sob o chaile traçado o braço que sustentava o lampião caseiro. Sorria, curvada e trémula, na longa resignação de um velho sacrificio. Era a mãe do notivago.

Mas havia no seu semblante e na sua voz um vago e suave resentimento. Julio, como quem está acostumado, não lh'o percebeu. Percebeu-o e comprehendeu-o vivamente o Lucas, que com enfado se atirou para o fundo do carro, depois de uma despedida apressada.

— Adeus, ó super-homem!

— Adeus, ó trouxa! Medita no que eu te disse, mastigou Julio de Sá, cuspinhando grosso.

De dentro do carro, numa volta, Lucas ainda viu o filósofo, com um pé na soleira, a acender pachorrentamente um cigarro sobre a chaminé do lampião, que a velhinha lhe baixara á altura do nariz.

AMADEU AMARAL
(Da Academia Brasileira)



O DESTACAMENTO

Quasi todo o domingo o Bahiano turbava o scego das Tres Barras esbordoando sua companheira, a Rufina. A bóda era desenvolta, dava corda ao primeiro que encontrasse; e como o Bahiano não era cego e havia deliberado casar com ella brevemente, esmerava-se em trazer sempre limpa a sua honra; lavava-a como podia, a cachação, a porrete, e com isso se tornara o terror ao pacatissimo arraialete míneiro, ao qual se antolhava com a temibilidade de um famigerado facinora. A Camara, a summa potencia local, em consequencia de suas terrificantes façanhas, reunia-se ás vezes extraordinariamente e fazia presão no sub-delegado, o Toniquinho da Candola,

para por cõbro áquelles desmandos. Toniquinho, porém, humillimo boticario de natural pouco bellicoso, magricela, vozinha habitualmente chorosa, explicava aos encanecidos vereadores:

— Se autúo o Bahiano, elle é capaz de me matar!

— Basta prendel-o correccionalmente por alguns dias; insinuavam-lhe.

Crescia a difficuldade. Nem pensar em tal!

O caso, como se vê, punha-o em aperturas. Se os amigos do directorio o não coagissem a servir, Toniquinho já se teria demittido do cargo policial.

A Camara, entretanto, não cedia. Muitas vezes, tomando a iniciativa, ella propria mandava intimar o Bahiano, em nome do sub-delegado. Avisavam a este com a antecedencia necessaria, recommendando:

— Passe-lhe uma descalçadeira energica; e, se o pilhar de geito, zás! tranque-o na despensa. Depois mande-o para a cadeia.

Merecia este nome pomposo, o gallinheiro do padre.

Quando o Bahiano acudia á intimação e surgia á porta da botica com o cano da garrucha espiando sob a aba do paletó, o capitão Toniquinho (capitão da Guarda), tremendo, fazia-o entrar para a sala de visitas; tratava-o com toda a attenção, mandando buscar café; e conversava com voz de mel sobre tudo, menos sobre o verdadeiro motivo da citação. O Bahiano, por signal começou a tomar-lhe certa amizade; um dia ou outro elle trazia da roça um frango ou um girivá e ás vezes chegava a pedir-lhe uns cobres emprestados.

Nesses dias, o que mais incommodava Toniquinho, era a sanha de sua metade contra o valentão. Siá Candola era guerreira no trabalho; ninguem soccava mais depressa uma pillãozada de arroz, ou mais depressa lavava e batia uma trouxa de roupa; o réverso da medalha, porém, era seu genio explosivo; esgalgada, pelle em gelhas, dedos aduncos, olhos agudos de ave de rapina, retratava exteriormente a furia que internamente era. Ai do Toniquinho se desattendesse! Na vizinhança, que ella trazia em panico, tinha sempre em andamento sua meia duzia de pendencias; e era mais que certo que todas acabariam em unha-da velha.

Ella, em verdade, é que era subdelegada alli. A inercia do Toniquinho em relação ao Bahiano valia-lhe tremendas descomposturas.

— Ah! se fosse eu! gritava ella. Havia de ensinar! Nasci para ser homem!

E, se acaso lidava com arroz, brandia ameaçadoramente a mão de pilão sobre a cabeça do inerme Toniquinho, para reforçar as suas palavras.

Por ultimo, quando o Baiano lá estava, era precisa toda a vigilancia do marido para evitar algum despropósito da mulher, que bufava na cozinha, querendo investir para aquelle com a sua maça de combate. Toniquinho supplicava-lhe agonisado, em tremuras:

— Oli! Candola... Veja, Candola... Candolinha!

Toda a paciencia tem limites. Por vezes, ante a insistencia dos camaristas, Toniquinho, tão calmo, exasperava-se e mostrava o punho para longe:

— A culpa tem esse governo, que não manda as praças! Juro que, enquanto não vierem, não mexerei mais com uma palha!

Havia tempos, o directorio fizera pedido d'um destacamento, sem obter solução.

E Toniquinho da Candola começou a mostrar-se tão exaltado, tão energico pela primeira vez em sua vida, falando contra o governo, contra "essa sucia de comedores", que os políticos o admoestavam em particular:

— Toniquinho, você não faz bem em falar assim. Ha tanta gente linguaruda que gosta de intrigar! O governo pode vir a saber.

— Não me importa! que saiba!

Um bello dia a Camara resolveu reunir-se para reiterar o pedido das praças. A concurrencia, como era de esperar, foi enorme, pois, sempre que havia sessão, os tresbarrensenses affluam ao predio da municipalidade, acotovelando-se, disputando logares, nunca saciados de ver o impressionador espectaculo dos camaristas, reunidos. E, na verdade, como testemunha ocular, garanto-lhes que era justificada a concurrencia. Apenas quem nunca assistiu a uma sessão em Tres Barras, não sabe o que é solennidade. Fazia correr arrepios pelo espinhaço do observador. Os vereadores eram velhos, austeros, olhar mysterioso e profundo. Quem os visse em volta da comprida mesa graves, silenciosos, acariciando com gestos lentos as longas barbas brancas, tinha a impressão de achar-se no senado romano. O silencio, enorme, pesava no recinto como a paz tumular. Nenhum falava, e não ser raramente, uma voz sussurrante, que lembrava a do sacerdote ao altar. A voz solenne do presidente abrindo a sessão, o tinir da campainha, a leitura da acta, transportavam o espectador, como se fossem o ritual augusto e cheio

de mysterios de uma religião. Os pulmões paravam de arfar, as boccas se abriam, os olhos não se fartavam de pasmar, enquanto lentos e graves os senadores acariciavam as barbas interminaveis.

Explicava-se por essa fórma o consideravel prestigio de que gosava a edilidade em Tres Barras. Ultimamente havia uma nota dissonante, que ameaçava tornar-se para esse prestigio a eiva do celebre vaso trincado. Nos derradeiros mezes andava na ordem do dia de todas as sessões, um projecto que mandava entupir no pasto de um dos vereadores, o Manoelzinho Junqueiro, certo rego rasgado de má fé, para onde fugiam aguas dos terrenos do agente executivo. O dono do rego recalcitrava, chegando ás vezes a erguer asperamente a voz contra os companheiros, no recinto, em risco de fazer-se impopular. Os outros emittiam opinião em longas reticencias desfavoraveis ao Manoelzinho, e em olhares irresolutos, sem atrever-se a approvar o projecto, cuja votação era sempre protelada. Em muitas sessões até nada se falava a respeito; em sua eterna irresolução, limitavam-se os camaristas a olhar para Manoelzinho, ao passo que Manoelzinho fincava os olhos no tecto, furioso, entrincheirado em sua pirraça, dando a entender que não cederia uma linha. Debalde a expressão angustiosa de toda a assistencia lhe dizia sem palavras: "Manda entupir o rego! Ora, manda, Manoelzinho!" elle fingia não comprehender; e dést'arte, permanecendo a causa da discórdia, reinava constrangimento nas ultimas sessões. Ao casmurro, já o alcunhavam, pelas costas, de Manoelzinho do Rego; por signal que elle damnou ao sabel-o.

Quando a Camara se reuniu para tratar novamente da vinda das praças, o germen da discórdia tomou vulto, porque Manoelzinho dissentiu vehemente, com palavras acerbas contra o subdelegado, que era todo dos outros camaristas. Como embirrava com o negocio do rego, embirrava semelhantemente agora com o caso das praças, recusando de antemão sua assignatura a tudo que com elle entendesse. Essa attitude ínesperada, causou surpresa e alarme; teceram-se infindas conjecturas sobre o que poderia motiva-la, propalando-se que na politica local se tramava ás escondidas um principio de dissidencia. Soube-se mais tarde que era medo de soldado, o pueril terror que a farda inspira a todo o mineiro de bibocas arredias da civilisação. Nisto os outros vereadores se mostravam mais progredidos, porque, quanto ao pedido das praças, malharam de rijo,

resolvendo, nessa sessão e ulteriores realizadas com o mesmo fito, dirigir petições sobre petições ao governo, reforçando o primeiro pedido. E tanto se implorou, insistiu, exigiu, foram taes as supplicas e empenhos; que, porfim, numa bella manhan, desembarcou o destacamento, entre o panico de uns e regozijo de outros, na estação do modesto logarejo.

O acontecimento deu brado. Manoelzinho do Rego, vergonhosamente derrotado, retirou-se furioso para sua fazenda. Dessa data em diante embirrou em não apparecer mais em Tres Barras. Apenas se abalava para cabalar votos nas cercanias, tramando uma insidiosa dissidencia. O patriotismo local, ao contrario, rejubilava, acceso em legitimo orgulho pelo melhoramento adquirido. Quando o destacamento em peso, um cabo e duas praças, carabinas ao hombro, passo marcial, atravessou o povoado, olhares derretidos em pasmo pousavam-se sobre elles, acompanhando-os até aonde a vista alcançava, como presos á trajetoria de um meteoro raro e miraculoso.

Com essa numerosa milicia, todos se sentiam garantidos e fortes. Ao menor bate-bocca, exclamavam os contendores: "Hoje você ha de dormir no pau!". E com essa perspectiva, os agravos se desaggravavam sem rixas, o punho levantado para esmurrar não abria o angulo ameaçador do braço, contente cada qual com roncar em voz sinistra: "Hum! você já me conhece!" E as proprias linguas taramelavam menos. Valia-se o patrão d'essa consideravel força, para exigir submissão do empregado e a sogra sonhava noites a fio, com o genro preso e algemado. O proprio nivel das conversações se elevava; os que eram seu poucochinho eruditos, traziam á baila as guerras celebres da Historia, rememorando Napoleão, Alexandre e as façanhas dos Doze Pares de França.

Quanto ao vigario, esse implicou. Padre Ganqueiro era um cincoentão rubicundo, sujeito a frenesis, amante de proferir sermões terroristas, em que fazia horrendas descripções das tachas infernaes. Suas furias rhetoricas traziam cada domingo á missa numeroso rebanho de fieis. Tres Barras era o que se podia chamar nm povoado devoto. Pois não é que com a chegada das praças rareavam os frequentadores da igreja? Todo o mundo andava com a cabeça no ar, esquecido de Deus e das obrigações de maior monta. Por isso, padre Ganqueiro desatinou. Poz-se a berrar ao pulpito barbaridades contra a republica e contra o casamento civil, apregoando, em furia apocalyptica, para muito breve, o fim do mundo e o Juizo Fi-

nal. Tudó debalde! O povo não assentava a cabeça, e a deserção se fazia mais sensivel de domingo para domingo. Datava d'essa época sua ligação politica com o Manoelzinho, a quem ia ver frequentemente, tendo com elle infindaveis conciliabulos, conservados em sigillo hermetico.

Com o divorcio da Igreja, a Camara tremia em seus alicerces; todavia, não dava o braço a torcer, confiante na victoria. O destacamento afinal, era seu, como tambem o era o subdele-do Toniquinho.

Toniquinho? Não... Esse agora não era de ninguém. Não sahia mais de casa, sómente entrevisto confusamente no fundo da botica, fazendo-se de atarefado, a aviar receitas imaginarias. Disfarçava d'este modo o terror que lhe inspirava a má catadura do cabo commandante. Tambem o modo sacudido com que cada manhã o brutamontes lhe dizia, rigidamente perfilado, renteado com a mão a pala do boné: "Sr. capitão, comunico a *vossuria* que não houve novidade!" P'r'ó diabo! Toniquinho, o imbelle Toniquinho, não queria saber de nada d'isso. Deixassem-n'ó viver obscuramente em companhia de suas pacificas pilulas, pois não tinha velleidades de mando. Não succedia o mesmo com siá Candola, sua terri; vel metade; sentia-se agora poderosa, invencivel, resuscitava rixas velhas, encrucia as novas, trazendo panico á vizinhança dos quatro lados. Um panno que voava para lá, um frango que passava a cerca, não precisava mais para que ella, esquecendo o pilão e a barrela, mettesse a mão á ilhargá e descompuzesse céos e terras, com vocabulario adequado, a imagem feliz, a elocução fluente, e encorpada de timbre, todo esse primor de perfeição que apenas sabe proferir a bocca das comadres litigiosas que já teem, na fé de officio, um longo tirocinio de rugas.

Chegara, afinal, o dia do Bahiano. Num domingo, em pleno largo, espancara novamente a amasia. Fôra o caso, que na vespera elle a pilhára com um fula de quem já tinha velhas desconfianças. Machucara-a bastante "no sufragante", e já haviam feito as pazes; mas, no outro dia, entre os fumos retroactivos de uma cabreuva "braba", preparada com restilho, relembrava a offensa recente, mal perdoada, e segundava a surra, descendo-lhe o guatambú purificador. A noticia correu num atimo e o povo affluu ao largo, para saborear as consequencias. Emquanto o pau cantava, centenas de olhos inquiriram a rua do quartel á espera das praças.

Subito houve reboço. E' que apontara ao longe a farda de um soldado. Vinha ás pressas, teso no seu uniforme de dolman vermelho e calças brancas, refle no boldrié, os braços para deante e para traz. Chegara um pouco tarde, pois o caboclo já descansava o pau, tendo posto a honra limpa e a Rufina contusa e ensanguentada. Mesmo tarde, era ainda de admirar que viesse, por não ser pequena proeza atrever-se a levar a noticia ao cabo commandante. Ao vel-o sentado na calçada do quartel, com o olhar carregado, a pulir a monstruosa carabina, os que tinham como trajecto forçado aquelle trecho de rua, passavam de largo, no andar apressado de quem arrisca. Pois houve um decidido o Zé Cotia, pannelleiro; foi dar parte, resolutivo, gritando, de uma certa distancia ao commandante:

— Sô cabo, ha um guaiú lá no largo!

O cabo encarou-o com expressão severa:

— Você não estará contando rodela? Veja lá!

— Juro pela alma do defunto meu pae, affiançou o Zé Cotia.

Então, mal humorado, o commandante ordenou a um dos subalternos que ouvira a parte:

— O' João, vá ver que estrumela é essa.

E como o pannelleiro se fosse pisando:

— Você, alto ahi! Vá com a praça mostrar o lugar.

O soldado apertou o cinturão e abalou com o mensageiro. Vendo-se em tão temerosa companhia, Zé Cotia tremia por si proprio; mas depois de vencido um pedaço de caminho, como nada lhe succedia de alarmante, e tranquilizado pela affabilidade do João, que se mostrava de boas avenças, chegando a tirar com elle Zé um dedo de prosa, seu terror transformou-se em nobre orgulho; media o passo pelo do soldado, copiando-lhe o entono marcial; e se encontrava um conhecido, olhava-o sobranceiro, sem cumprimentar.

E assim alcançaram o largo.

O policia avançou para o Bahiano, no meio da expectativa anciosa do povo.

— Esteje preso! disse.

O caboclo botou-lhe de travez um olho enfezado.

— Quem é que está preso?

— Não se faça de besta! E' você mesmo! retrucou o João desembainhando o espadim.

Como unica resposta, Bahiano volveu-se para a Rufina:

— Péga na trouxa e bamo s'imбора.

— Bamo s'imбора é uma conversa! tornou a praça. Então resiste á prisão?

— Ora não me arrelie, sô coisa!

E, ao dizer isso, Bahiano virou-se para elle com catadura ameaçadora.

O soldado amou. Metteu o refle na bainha e, sem dizer palavra, voltou-lhe as costas, altivamente, tomando o rumo do quartel.

O povo, electrizado, aguardava os acontecimentos. Cruzavam-se commentarios:

— Foi buscar reforço, opinava um.

— Esqueceu-se da carabina, dizia outro.

— Que o cabra é chegador.

— Não foi por medo, isso não!

Entrementes, rebocando a amasia aos repellões, Bahiano seguia a estrada da fazenda. João e a outra praça, em marcha accelerada, foram topal-o já para fóra do povoado. Numerosa chusma acompanhava-os, ao passo que os tresbarrenses mais precavidos fechavam as janellas, de receio dos tiros.

— Esteje preso! conclamaram as praças, fazendo alto.

— Ora deixem de arrelia, que eu não tou bão! e o Bahiano coçou o cabo da garrucha.

A policia, affrontada, fez meia volta, retomando o caminho do quartel.

O povo ao principio ficou pasmado, como quem não comprehende; porfim alguém murmurou: "E' medo!" A essas palavras quebrou-se o encanto e abriu-se a valvula aos commentarios peyorativos. A farda começava a perder o seu prestigio. Um sussurro de descontentamento escoltou as praças em todo o percurso da volta, fazendo-lhes errar o passo. No quartel o cabo commandante estrilou com os subalternos, chamando-lhes a vergonha da farda e ameaçando recolhel-os ao batalhão. E a fraquejar infernalmente resolveu-se a acompanhá-las.

Restituiu-se ao povo uma parte de sua confiança, quando o destacamento em peso apontou na extremidade da rua. Infelizmente já não era a passagem triumphal do costume; mas as dimensões formidaveis das carabinas, e o reluzir das bayonetas caladas, reduziam os commentarios malignos. Onde o borbórinho de descontentamento era maior, o cabo carregou o kepi na testa, com um ar terrivel, o que, em verdade, foi agua na fervura.

Quando distancearam os curiosos, o commandante repetiu suas invectivas contra a cobardia das praças; e com brios "estumados", repisava a estribilho:

— Vivo ou morto, havemos de trazer o homem.

Aqui é preciso salvar o prestigio da farda ou morrer.

E com isso, fóra do povoado, iam vencendo estrada, no encalço do criminoso. Afinal avistaram-n'o muito ao longe, numa volta. Perceberam que nesse momento o Bahiano parou, como a esperal-os. Elles tambem pararam.

— O homem teve medo, por isso foi-se raspando para a roça, disse João.

— Désta feita sabia que vinha mesmo, commentou a outra praça.

Quanto ao cabo, nada disse, porque estava a coçar a cabeça, irresoluto, pesando motivos. Voltarem sem o Bahiano, reflectia, seria cahírem no ridiculo e merecer as chufas de toda a população. E trazerem o criminoso á força, era empresa difficil, pois tinha fama de cabra chegador, de comprar e pagar, d'esses que não olham a consequencias. Podiam estar certos de que resistiria, e ás direitas. Que fazer?

E o cabo coçava a cabeça. Depois começou a coçar o queixo. Porfim espetou o dedo grande nos dentes de cima, quedando-se cogitativo nessa postura.

— Que é que vocês acham? desembuchou, ao cabo de certo tempo. Podíamos daqui mesmo fazer um tiroteio contra o Bahiano.

A idéa, nascida murcha, cahiu sem discussão.

Então, numa inspiração suprema, o commandante puxou o revolver e disparou um tiro para o ar. Os seus inferiores fizeram o mesmo. A chusma dos curiosos, espantada, debandou ao longe, ao passo que o Bahiano, bravateando, teimava em esperar no mesmo sitio.

Um ronco sahido da beira da estrada, attrahiu-lhes nesse momento a attenção. Era um bebedo a quem o estampido das detonações despertava em sobresalto. E sabe Deus de que somno comprido! Pois o Tobias de sô Pedro, quando se punha a cozinhar a pinga, era obra para uma fieira de dias. Havia não sei quanto dormitava naquella beira de estrada, pouco sensível ás intempéries, pois attenuava-lhes o effeito com o seu velho chapéo de pello, que o uso fizera conico como um funil. Assim, fosse o tempo, agradável, armava-o no embigo, e todo se gozava da suavidade da luz e do calor; se o sol feria a vista, ou o relento peneirava humidade, removia-o do embigo para a cara, e ficava allí debaixo como quem armou tenda e dentro se agasalhou a seu seguro.

— Que está fazendo ahí, siô traste? vociferou o cabo, de pessimo humor, dandô-lhe um pontá-pé.

O bebedo, mal desperto, ria e babava, sem falar, mal podendo abrir os olhos, que acabavam exactamente de sahir debaixo da tenda.

— Esteje preso, gritou o commandante, com uma voz terrivel. E, se resistir, han!

Resistir! O borracho nem pensava em tal. O diabo é que elle não se aguentava nas pernas. A poder de sacões e cachações e de uma serie de “não se faça de besta!” os dois subaltein-os vingaram mettelo em pé.

— Para o quartel! Marchar! commandou então o cabo.

Era difficil obedecer; mas, a fazer suas cambetas, e com o auxilio das praças, afinal foi andando, sempre a rir e a babar, numa alegria infantil de ir daquelle modo, quasi carregado.

Foi um triumpho o regresso, um triumpho imprevisto, pois acontecia que o Tobias de sô Pedro era por demais conhecido vagabundo, pedinchador de “ajutorios”, ebrio habitual e ladrão de gallinhas. Uma vez que o Toniquinho o trancafiava na “cadeia”, não é que elle achara geito de abalar alta noite, com uma duzia de aves do revei-endo nas pontas de uma manguara? Quando o padre Ganqueiro deu pelo “destroço”, chegou a proferir blasphemias pretas, capazes de infernar a alma do santo de maior santidade. Por um triz que não privou os poderes publicos tresbarienses da inestimavel enxovia. Desde esses tempos sumira-se o Tobias e eis que voltava agora inopinadamente com escolta, para pagar as feiissimas culpas!

Com a importante noticia, logo esqueceu o Bahiano. Mal soavam, no principio, vozes esparsas: “Uai! Pois não é outro? Cadêlo o Bahiano?” ao que se respondia vagamente que afundara no capoeirão, baleado. Depois, esqueceu totalmente. Só se falava no Tobias, no famigerado Tobias, que afinal ia pagar as falcatruas.

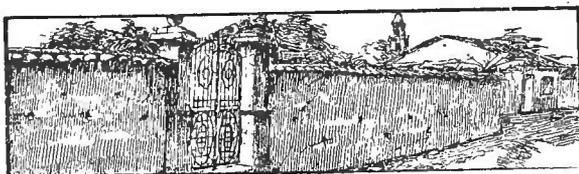
A noticia voou electricamente de ponta a ponta do arraial; e em todo o percurso, debruçados das janellas, confluindo das ramificações da rua principal, por onde havia de passar o preso ladeado pela força publica, agglomeravam-se, movidos pelo mesmo profundo interesse, todos os moradores do povoado. E todos glosavam animadamente o succedido. Ora o Tobias! o larapiador de gallinhas! Fugisse de novo agora, que estava na mão do onça! Pois não é que o trouxa viera cahir na ratoeira, sabendo que agora, graças a Deus, finham uma unidade militar incumbida de velar pela segurança publica?

Como se vê, a exultação não podia ser maior;

por isso ficou sempiternamente memoravel, nos fastos da modesta povoação mineira.

E foi assim que d'essa data em deante se firmou definitivamente o prestigio do destacamento policial de Tres Barras, para maior orgulho e segurança dos habitadores do arraial. O facto teve toda a sorte de consequencias felizes. A noticia da prisão do Tobias chegou aos ouvidos do Bahiano com tão terrificos pormenores, que o cabra abriu o pala para terras remotas, levando consigo a Rufina, sem coragem de tornar a pôr o pé no povoado, em dias de sua vida. A captura serenou o ecclesiastico, que no domingo seguinte elogiou do pulpito as praças. Exerceu salutar acção sobre o proprio directorio; pois o gesto magnanimo da Camara, esquecendo depois d'isso a questão do rego, valeu reconquistar-lhe o Manoelzinho, que dizem já fez as pazes, e está disposto a voltar, mais dia menos dia, a Tres Barras, para affirmar publicamente, em plena sessão da Camara, sua solidariedade com os antigos companheiros de directorio.

GODOFREDO RANGEL



FRUTA BRAVA

Havia um mês que o não via. Ter-lhe-ia acontecido alguma coisa? Vagamente soubera que um caso sentimental o occupava, desde a chegada da provincia, mas, como não me dissera nada, de nada indaguei. E' imprudente saber dos amores dos outros: causam sempre inveja, ou desdem, e a gente se aborrece ou descontenta os amigos. Mas que se ha de fazer numa tarde desoccupada?

Tomei o bonde e saltei numa pensão do Catete. Elle estava. Fui atravessando corredores e aposentos e, por fim parei diante d'elle, absorto, com os olhos pregados no macisso imponente do Corcovado, estampado em negro no lusco-fusco da tarde que morria. Apesar da penumbra do quarto, pareceu-me ver na sua phisionomia o vinco profundo de um soffrimento. Alheia-se, olhando parada e estupidamente para fora, para a vida tranquilla das coisas, como a fugir.

— Em que pensa?

— A vida, meu amigo, é uma historia... inverosimil, o que é mais. Pobre imaginação que inventa casos pueris, quando elles, tragicos até o sangue, comicos até as lagrimas fervilham por ahi!...

Senti que uma confidencia chegava. O meu animo curioso em ouvil-o, sensibilizava-se, por que agora, além de vivido, tinha o seu caso, o caso do meu amigo. Um dos seus, devia dizer, por que, reparo, ha pessoas predispostas a estas aventuras na vida. Eu o desejo muito, mas o meu é vulgar e indifferente, eomo uma folha de papel branco.

— Conta lá! Ha sempre pausa de soffrimento na confidencia. Aproveite...

Elle se dispoz a isto. Mas, bom narrador, até da propria magua, não annunciou coisa espantosa. Ageitou-se sobre a cadeira. Parou um instante, e começou:

— E' preciso dizer do principio. Você que é sertanejo, exilado e nostalgico, lembra-se de uma d'aquellas caminhadas arduas pelos nossos carrascos ou chapadas bravias, queimadas de sol, em que as leguas se ajuntavam ás leguas, no indefinido dos desertos, sem uma sombra demorada, sem uma frescura de aguas? Aqui e alem, ao alcance do braço, os ramos despidos expandem-se em flores tristes e fructos extravagantes. Corno a bocca secca implora uma gotta de humidade, tenta-se alcançal-a, levando aos dentes, mordendo e provando as frutas silvestres. A voz sollicita do camarada intervem:

— Meu amo!... é perigoso provar fruta brava...

E com a segurança do seu empirismo, mais forte do que as nossas sciencias vacillantes, o conhecimento do tropeiro se resume um aphorismo:

— Fruta do mato é venenosa!

E embora a bocca se torça muitas vezes no travo do tanino, se encha d'agua ao azedo do summo, ou dôa na ardência das sementes... instantes depois, de novo estirada, torna a ancia desse azedume, dessa dôr, bemditas no meio do deserto, porque concedem a satisfação de uma curiosidade ou de uma distracção, no indefinido das distancias, com a variedade dos encontros imprevistos...

São frases... Repare como as frases criam estados de alma, tão deliciosos de serem avaliados, como dolorosos de serem vividos... Assim, meu amigo, na banalidade de uma capital de provincia, oscillando entre o vasio de minhas preoccupa-

ções e o tédio dos meus sentimentos, surgiu um dia, inesperadamente, uma mulher. Não sei de onde vinha. Como as flores silvestres não tinha arrebiques de cultura, mas era fresca, engraçada, desenvolta, independente como as flores do campo, sem jardineiros, adubos, tutores, nomes de convenção... tinha, a mais, o que é tudo, perfume, que é o sentimento. Vim-nos, olhamo-nos longamente, penetrantemente, durante uma festa de igreja. E passamos, e nos perdemos. Procurei-a, nos dias immediatos, com empenho, mas não logrei encontrar-a. Descoroçoado, no despeito do insucesso, entro uma noite em casa, quando o criado, o unico companheiro de meu lar provinciano, diz-me, com rosto bregeiro:

— Ha muito tempo ahi está uma senhora, á espera. Disse que o senhor sabia quem era...

Tive um sobresalto. Bateu-me o coração apressado, num desejo. Seria ella?

Entrei e na meia luz discreta de minha sala, vi-a de pé, junto ao sofá, de onde se levantára quando minha mão torcera o fecho da porta de entrada. Mas, incoherente com a sua posição decidida, uma voz suave, entrecortada e por vezes velada, disse-me:

— Desculpe-me ter vindo. Não sei onde tinha a cabeça. Não pude resistir. Mas já me posso ir embora...

Não contava com esse introito. Achei-o simples e eloquente. Estupidamente, fiquei calado. Ella mais decidida então, continuou:

— Vi-o algumas vezes. Ha alguns dias vim-nos. Senti que havia alguma coisa nova em minha vida. Quiz reagir, mas não pude. Fugi, viajei, mas aqui estou. Sou uma tonta. Vim vel-o. Desculpe-me. Posso agora ir-me embora...

— Não. Fique um instante. Andei tambem á sua procura. Não pude esquecel-a, da vez que a vi. Este momento é deveras agradável para mim...

Não foi um momento que ella ficou, mas definitivamente. Não sei de uma ligação mais franca, mais prompta, mais original. O resto se afinou pelo começo. Você não imagina! Você não sabe que furia sagrada a nossa. Só o nome é commum com esta flor de estufa, que é o amor elegante, meio "flirt", meio decepção, ou esta flor de montureira, o amor galante, meio-espasmo, meio-nojo. Tenho vivido um pouco, e entretanto não o conhecia...

O meio provinciano, bisbilhoteiro, enredava-me. Foi preciso de apressar a vinda para o Rio; trouxe-a. A principio amedrontada, depois confiante. transplantei-a. Em poucos mezes, a flor silvestre

tinha-se domesticado e viçava num vaso de porcellana, feçoada nas modas e nas maneiras, como se houvera nascido numa chacara da Tijuca ou num jardim de Botafogo. Lembrou-me a Dubarry, tambem flor do campo, que Versailles viu, sem a transição de aprendizagem, entrar na corte, duqueza e cortezá.

No intimo, para a banalidade da minha vida, entre a Camara e a esquina do Watson, das intrigas politicas aos escandalos mundanos, ella ficou a mesma flor do matto, o mesmo fruto bravo, de gosto bem raro, sempre com ansia apeteçida, como os gravatás asperos e providenciaes das estradas sertanejas.

Do seu passado quasi nada soube. "Nasci, vivo, desde o dia em que te vi. Morrerei no dia em que não gostares mais de mim. O mais não me importa!"

Alpha e ômega podiam ser falsos: uma sequencia de desejos, emoções, arrebatamentos, desesperos, de beijos que vertiam sangue, espasmos que tinham a imagem de morte, diziam numa continuidade e uma ascenção que eu soffria a felicidade. As minhas occupações, deveres, interesses eram apenas o intermedio apressado e malsofrido como os trechos urentes do caminho sertanejo, entre as pausas de um goso violento e incansavel.

Houve pausa. Na meia sombra que já era, divisei entretanto, que os olhos do meu amigo se fechavam ás ultimas palavras. Estirou os braços, num gesto languido de desejo e preguiça amorosa, um instante, como evocando esse tempo. Eu tive a sensação diabolica que elle gozava ainda a lembrança do que fora... Ia, porem, pungir-se na saudade do que passara... e não volta mais.

— Como não me era licito sahir sempre com ella, principalmente de dia, enamorada do Rio e dos seus armazens de modas, sahi muitas vezes só e, ao volver, me dizia:

— E' quasi impossivel a uma senhora andar hoje nas ruas. Você não imagina quanta gente mal educada tem esta cidade. Uma mulher desacompanhada parece-lhes presa facil, e assim, ao longo das ruas, na porta das lojas, nos corredores das costureiras, na estação dos bondes, sentados ao nosso lado, são indiscreções admirativas, cumprimentos inesperados, propostas indecentes, que fazem irritação e vergonha. Chegam a seguir, a acompanhar, saltar no mesmo ponto, parar de frente da porta, até escrever... Não fosse medo de um escandalo já teria quebrado leque e sombrinha num destes atrevidos...

Eu comprehendia isto perfeitamente. Ella era

bonita e bem feita, vestia-se bem, tinha ar esquivo e modesto de provinciana; de outro lado os cavalheiros do Rio sofrem da falta de educação e da falta de mulheres. Comtudo, nunca me inquietei porque tinha confiança n'ella e conhecia que não me era possível educar os rapazes finos da Carioca.

Um dia, á tarde, um pouco mais cedo do que de costume, fui vel-a. Ao chegar ao patamar da escada, a criada que a servia passava e, sem que eu lhe perguntasse nada, um tanto confusa, disse-me:

— A senhora sahio... Creio que foi á costureira...

Ah! as costureiras... Parece que as creadas já conhecem a desculpa classica. Mas eu não desconfiava de nada. Tranquillamente affirmei:

— Eu espero...

E fui varando pelo corredor, abri a antecâmara que faz de sala de espera de seus aposentos. A porta que dava para o quarto estava fechada. Ensaiei o fecho: estava trancada. Olhei pela fechadura: estava a chave por dentro.

Se a criada não me tivesse falado, pensaria que estava dormindo, mudando de roupa e não me inquietaria. Ensaiei novamente o fecho, com resolução. Ouvi passos que se aproximavam. A chave deu uma volta, e a porta se abriu... Um homem, fardado, um official de marinha, extremamente pallido, estava deante de mim.

No primeiro momento não vi mais: tive uma sensação rapida de tudo, objectivada naquelle homem de pé que me defrontava.

— Estou ás suas ordens... Chamo-me F..., primeiro tenente da marinha. Devo-lhe porem dizer mais... Não me desculpo. Explico. Sou um desastrado, um louco. Vi esta senhora, ha dias na rua do Ouvidor... segui-a, acompanhei-a, falei-lhe, escrevi-lhe... todos os dias. Nunca me attendeu com um olhar, um gesto, uma palavra. A principio indifferença, depois indignação. Hoje passava deante desta casa; como tenho feito estes dias todos — tenho-o visto varias vezes... — quando a vejo só, á janella. Não reflecti, galguei as escadas, não respondi á criada que me indagava do que queria, abri a primeira porta, abri ainda esta e achei-me diante d'ella. Falei-lhe, repelliu-me. Ameaçou-me de gritar, de dar escandalo. Fechei a porta resolutamente, disse-lhe que não a queria pela violencia, mas apenas dizer-lhe umas palavras... ir-me-ia depois. Um escandalo deixaria na duvida sempre uma cumplicidade... um homem dentro do seu quarto... Este argumento

foi decisivo... Comecei a falar, a dizer as loucuras que tenho na cabeça, ha dias. Ouvi os seus passos, o fecho da porta agitado freneticamente... ella que se atira desesperada sobre o leito, a chorar... eu que abro a porta para lhe dizer estas palavras, que são a absoluta verdade...

Após uma pequena pausa, diante da minha ironia despeitada de descrente...

— Não tenho nenhum direito a merecer a sua confiança. O que lhe disse é, porém, a absoluta verdade. Aquella senhora está pura para mim, como minha mãe. Ha uma apparencia desgraçada produzida pela minha loucura. Sou um homem de honra e estou disposto a dar-lhe todas as satisfacões.

Como eu tomasse um attitude de desdem brincando com a corrente do relógio entre os dedos, elle atravessou a portada, fez-me um cumprimento rispido e repetiu:

— F..., official de marinha, Flamengo 20, ás suas ordens.

E sahio. Não lhe dei palavra.

Dei mais um passo, notei a ordem do quarto e vi-a apenas, cahida de bruços sobre o leito, chorando sem ruido, com a face sobre os braços cruzados, agitando o busto de quando em quando por um soluço mais fundo. Olhei tudo aquillo com desdem, ou despeito... Mais desdem, que despeito. Accendi um cigarro com lentidão affectada, para dominar a minha indignação... e ia sair sem uma violencia... Mas não pude, ou pensei não poder: automaticamente, impulsivamente, todas as fezes do meu character se revolveram cá dentro e sahiram numa injuria de viella, num calão de bordel. E lhe atirei a palavra de insulto.

Sahi. Mas não volvi a casa. Chamei um carro e mandei tocar para longe. A passo, para a Gavea! para Copacabana! para o inferno! Caminhe, não me pergunte nada! Errei assim toda a noite, até se cançar a parelha. Quiz pôr em ordem os meus sentimentos, minhas ideias e não pude. Havia dentro de mim um demonio a espiçar-me. Quando a intelligencia lucida ia recompondo a scena e achava coherencia nas palavras que ouvira, o maligno, no intimo, friamente, ironicamente, insinuava-me: ingenuo! E crescia e fervia dentro de mim o despeito, a indignação, o asco, a raiva, feitas de uma perversidade, de uma villania, de que não me suppunhacapaz. O amor proprio offendido, embora apenas por uma apparencia — como isto é barbaro! — deixa a besta deçaimada para todas as violencias, brutalidades, torpezas!

Depois andei febrilmente, andei até exgottar o meu despeito e a minha raiva no cansaço.

Dormi profundamente. Ao acordar, tarde, no outro dia, tinha o corpo moido numa fadiga extrema, a alma cansada, como se viesse de soffrer longa doença moral. Estava inerte, vencido. Já não tinha odio : apenas desprezo. A mesma brutalidade, com outro nome, aspecto diverso. E tinha uma resolução. Ha resoluções feitas para todas as situações. A gente já não resolve por si ; uma serie infinita de outros brutos, outros idiotas, já codificou uma resolução para todos os casos. E' seguila ! Eu tinha, pois, minha resolução :

— Não admittir explicações... Eu não era um ingenuo... A mulher de Cesar é a mulher de todo o mundo — nem sequer suspeitada ! Não a queria ver mais. Eu era um homem digno !

E com toda a emphase humana pronunciei varios termos sonoros e limpos... dignidade, brio, asseio...

Como para me conformar a estas deliberações, barbeei-me, banhei-me, vesti-me, almocei. Eu era um homem ! Não sahi, porém. A' tarde o criado trouxe-me um cartão de mulher, de nome desconhecido, sob o qual estava escripto a lapis : «Preciso absolutamente dizer-lhe uma palavra.»

Haveria connexão com a minha aventura ? Talvez. Devia receber ? Não. Eu era um homem : não queria explicações ! estava decidido, minha resolução era inabalavel !

Mandei entrar.

Era uma senhora sympathica e discreta. Cumprimentou-me com a cabeça ; sentou-se na cadeira que lhe offereci ; fiz um gesto de quem estava disposto a ouvil-a.

— Venho falar-lhe de Rosa...

Era inevitavel ! Era a comadre, a intermediaria, a pannos-quentes...

— Ah, não !, interrompi, violentamente. — E' inutil continuar... Eu deveria imaginar que haveria uma... onze letras... para a accommodação !

A mulherzinha levantou-se indignada.

— Perdão... O senhor não tem o direito de insultar-me, a mim, uma mulher, que não lhe posso responder á insolencia, e de mais em sua casa...

Gosto de mulheres fortes. Envergonhei-me da minha brutalidade ; foi agua na fervura do meu arranco.

— Peço-lhe desculpas. Comprehende o meu estado de espirito desde hontem. Diga o que quer, mas previno-lhe que é absolutamente inutil qual-quer tentativa de conciliação.

— Não foi a que vim... Conheço de mais o bruto orgulho dos homens, que só amam atravez do seu amor proprio. Não é disso que me vim occupar. Devo, porem, para que me acredite, confiar-lhe antes os meus sentimentos a respeito da sua crise. Creio que gostava muito, e ainda gosta da Rosa. Sei disto por ella mesma, nas raras confidencias que, curiosas de affecto e companheiras de casa, viemos a fazer. Ella gosta do senhor, até a morte. Estou certa pelo que sabia antes, principalmente pelo que soube depois.

Um gesto de impaciencia de minha parte, fê-la comprehender que enveredava por caminho desagradavel.

— Não irei lá... Depois do que houve hontem existirá entre ambos, sempre, uma duvida a os infernar, se se podessem unir de novo, ate os separar, miseravelmente. Melhor vale agora. Deixe contar-lhe um caso pessoal.

O seu modo de falar, preciso, correcto, a sua simplicidade e elegancia de trajar, predispuzeram-me a seu favor sympathicamente, talvez superior pela condição e pelo soffrimento á primeira idéa que me occorrera.

— Em meio de uma vida de desvario depois que abandonei meu marido, o meu primeiro engano de mulher, encontrei alguém a quem o acaso a principio, um doce habito depois, uma paixão retribuida em seguida me uniu na unica felicidade que já gozei. Era casado, com dois filhinhos, uma esposa moderada, em todo o caso tolerante. Não lhe perturbei a paz domestica. Maltratei-me, venci-me no meu feroz exclusivismo amoroso e subjugué-me á situação de o amar só quando elle podia ser meu. Fui-lhe absolutamente fiel desde ahi. Os metes conhecidos, os meus amigos de outro tempo, espantaram-se de minha virtude intractavel. Evitava-os, não lhes permitindo que me frequentassem. Um dia, um delles, um delicioso rapaz que tão mal empregava sua primeira afeição e desde antes do outro ia á minha casa, fala-me, pede-me para deixar-me ver, conservar-se-ia á distancia, seria meu amigo, não me seria nocivo nem importuno. Apenas isso, ver-me... Tudo o que, o senhor deve saber, com que se finge o amor dissimulado e vigilante. Num noite estava só, enervada, saudosa, triste, havia tres dias que não via o meu amigo, quando me entra por casa o outro, o rapaz, com os seus pés de lã de amoroso sem pretenções, e fala-me, fala-me, lentamente, sentidamente... Por fim, convida-me para um passeio; era tarde, em Copacabana, não haveria indiscrição, uma companhia

apenas affectuosa, voltariamos quando eu quizesse, viriamos innocentemente como fomos. Não sei como me deixei enganar; julguei-o, e era, incapaz de uma ousadia, como eu de uma fraqueza. Cedi, reluctante. Fomos, passeiámos simplesmente, castamente. Quasi meia noite voltamos. Fazia calor na cidade e na praia de Botafogo. O meu companheiro imprudentemente fez descer a capota do carro. O nosso destino depende ás vezes de um gesto imprudente destes. Rua Marquez de Abrantes. As luzes do Largo do Machado. Vazia a praça: apenas no passeio tres pessoas.: um velho empregado dos bondes e... um homem e uma senhora... Quem havia de dizer? Sim, "elle" e a mulher... Ha verdades inverosimeis. Preciso jurar que a despeito de ter entrado em casa e ter persistido como o meu amigo me deixara havia tres dias antes; a sua convicção absoluta foi que eu lhe mentia, tinha outro amante, que até me conduzia desafortadamente a passear, de carro descoberto? Não houve entre nós explicações. Evitou-me sempre, a despeito de uma encanizada tenacidade posta ao serviço da minha defesa. Não houve meio, não me quiz nunca attender. Silencio... , indifferença... responderam sempre á minha perseguição. Assim tres annos. Enviuvou, mas não mudou de proposito. Um dia no «High-Life», sentado em uma mesa, vejo-o solitario, num canto. Approximei-me resolutamente. Não me evitou. Disse-lhe tudo, toda a verdade. Ao sahir acompanhou-me, subimos para um carro, rodamos para minha casa. Na porta quiz deixar-me. O cocheiro assistiu á manifestação da minha sinceridade, sem palavra. Desatei a chorar. A porta se fechou sobre nós. Imagine depois o que foi, pensando num desejo, quasi uma raiva, de tres annos seguidos. Tárde, muito tarde, cuidamos em dormir. Fechei os olhos pensando nisso, mas vi-o que se sentava na cama:

— Que tens?

— Tu me perdões que te diga?

— Dize...

— Tu não és mais a mesma... Como me enganei!

Houve um grande silencio. Uma claridade enorme fez-se em minha consciencia. Vi-me por dentro. E o que é mais, vi-o tambem, senti-o.

— Tu me perdões que te diga?

— Dize...

— Tu não és tambem mais o mesmo... Como nos enganamos!

De facto, não eramos mais os mesmos, haviamos de ter mudado, um para o outro. Como não nos amavamos mais, e bem tristemente nos

convencemos, vimo-nos ainda algumas vezes. Somos amigos, simplesmente, indifferentemente amigos...

Houve uma pausa. Senti no abafamento de sua voz ás ultimas palavras, a emoção da sua saudade. Continuou: — Se amou a Rosa, se a ama ainda, pela raiva de sua suspeita, é ainda uma maneira de amar, não tente debalde conquistar uma felicidade que passou... Não corra atraz de uma decepção... Ao fim de muita lida e talvez muito soffrimento, o desengano lhes daria talvez malquerer. Melhor vale romper agora...

Calou-se de novo. Compreendi que a verdade falava pela sua bocca. Mas a minha desconfiança pareceu-me perguntar: — Mas porque aqui está? a que queres chegar? Ella mostrou comprehender.

— Mas não vim a isto. Contando-lhe a minha historia quiz justificar a sinceridade de meu pedido. Não sou alcoviteira ou a onze letras do seu insulto: sou uma pobre mulher sensivel, que soffreu, que tem pena! Ella ficou num estado desesperador, rasgada, descabellada, numa furia de possessa, na intermittencia de um choro que não cessa. Não ha consolo possivel para ella. Tenho medo até de um acto de desespero. Não se ria, que é esta a minha impressão. Está guardada para não commetter um desatino. Talvez os seus nervos estejam doentes, talvez uma hysterica, mas é uma criatura que soffre... A vida é já bastante triste na sua banalidade para não lhe ajuntarmos uma crueldade inutil a exasperal-a. Venho pedir-lhe simplesmente que vá vê-la... tranquillamente, calmamente... Finja, represente. E' homem, e forte: seja caridoso. Vá dizer-lhe que não lhe quer mal; que acredita na sua affeição, que lastima uma occurrencia desgraçada... mas essa suspeita mesma seria capaz de os fazer d'agora por diante infelizes, atormentados numa duvida constante. Enfim, o senhor saberá melhor do que eu. Acalmar-se-ão. E viverão, esquecidos e indifferentes... Porque ha de um gozo de amor terminar na brutalidade de uma violencia?

Continuou assim por muito tempo, catechizando-me o animo barbaro. Por fim, partiu levando a minha promessa de attendel-a. Ás nove horas lá estaria. Podia avisar a Rosa. Não queria porém encontral-a no estado em que me descrevera. Detestava estes espectaculos. Queria conversar com ella tranquillamente, como me recommendára.

Mas não fui. Meu orgulho, meu amor proprio, minha crueldade, insurgidos logo após não me deixaram... Ao outro dia, pela manhã recebi esta carta.

Tirou da secretária um papel azulado, e deu-m'ô a ler:

“Senhor. Não imaginei que fosse tão estupidamente cruel. Voltando da sua casa, arranjei a scena, contando á pobre Rosa a defesa que della fizera no seu animo, deixando entrever suas disposições, consolando-a enfim sobre o inevitavel desenlace. Apesar de reluctante, acabou por acceitar tudo e disse-me: “Pois bem! Será! Viverei! E com o tempo hei de convencil-o!” Pareceu-me conformar-se. Vestiu-se, ageitou-se. Depois, de quando em quando, perguntava inquieta: “Ella virá mesmo?” Ella previa-o. Passaram-se algumas horas. Quando toda a esperança foi perdida, trancou-se no quarto, onde de balde quiz entrar. Depois de bastante tempo abriu e chamou: “Aqui tens umas lembranças minhas para você que foi bôa. Aqui uma nota de outras pequeninas lembranças, para amigas. Uma carta para a justiça: não culpo a ninguem da minha morte: digo que estou aborrecida de viver. Silencio absoluto sobre os meus pezares, está ouvindo? E’ como si não existissem. Acabo de dispor de tudo: tomei uma droga mortal. Não tente salvar-me, para quê? Recomeçaria...” E mostrou-me um copo onde havia ainda um residuo branco. Era tão lucida e tão calma, que cheguei a duvidar um momento. Depois vi-a cambalear e dizer: “sinto a cabeça tonta... começa!” Aos gritos chamei por soccorro, mandei buscar medico, fizemos tudo o que foi possivel: vomitivos, injeções, tudo. Está agora inanimada, num estado de somnolencia, só interrompido por gemidos. O doutor diz que não escapará. Morrerá hoje? Deus o queira. Acabará de soffrer. Quanto a mim, acho-o cruelmente estúpido, como lh’o disse no começo d’esta, e repito. Não poderia, depois do que fez, vir vel-a pela ultima vez? Seria talvez uma impressão feliz que ella levaria. Posso assegurar-lhe que a sua dignidade de homem não correrá perigo: ninguem o verá.—*Luiza.*”

Devolvi-lhe o papel e accrescentei:

— Que ironia neste final!

— E justa ...

Continuou depois de uma pausa:

— Vesti-me, profundamente commovido e abalei para lá. Ao entrar na ante-sala, encontrei Luiza, num desalinho afflicto, que sahia do quarto. Olhou para mim, rancorosamente e disse-me num desdem macabro:

— Chegou á hora..! Está morta!

.....

Ahi tem uma historia funebre. Tenho eu o coração num aperto indizível. Remorso? Saudade?

Não sei. A consciencia, essa, enquanto se lembrar, terá um peso em cima: um cadaver sobre ella ...

Fez-se um silencio lugubre.

Depois a voz sumida do meu amigo, cono vinda de longe, murmurou:

— As frutas do matto são venenosas!

Ennoitecera completamente. Lá ao longe, sobre o macisso do Corcovado, uma estrellinha brilhava timidamente.

AFRANIO PEIXOTO
(Da Academia Brasileira)



TERRA PROHIBIDA

Chegando ao jardim, tendo deixado ainda cheios de ruido e brilho os vastos salões que abrigavam todas as maravilhas mundanas, Maximo parou, abotoou o rocló sobre o peitilho da camisa, acendeu um cigarro, lançou a primeira fumarada ao ar frio e fino da noite de Junho, sorriu com um sorriso de immensa satisfação e tornou a andar — tudo isso com um leve lume de espanto nos seus olhos grandes e calmos.

Passou o portão, que o porteiro abriu, descobrindo-se respeitosamente. Achava-se em plena rua, onde se arrumavam em fila os carros dos convidados, negros e lustrosos. Um *coupé* destacou-se da fila e veio parar em frente de Maximo. O *groom* pulou da boléa ao chão para abrir a portinhóla. Maximo impediu-lh’o:

— Não. Eu vou andando. Siga-me a passo.

E começou a caminhar pela rua solitaria, acompanhado pelo seu carro que a alguns metros de distancia rodava lentamente.

Para recompor a sua situação imprevista naquella noite toda de surpresas, preferira o ar livre á estreita caixa do *coupé*, pensara que o clarão das estrellas faria bem á sua vista ainda tomada de um offuscamento estonteante. Eram tres e meia da manhan. Andaria a pé uns vinte ou trinta minutos, rumo de casa. Mais dez ou quinze de carruagem bastariam para perfazer o caminho todo. Não tinha somno. Antes, estava de uma leveza singular.

Maximo principiou a recapitular a sua noite

que intimamente considerava uma noite de gloria. Entrara no baile ás onze horas e ja a festa attingira o auge de esplendor. Logo vira que a noitada seria sem aborrecimento. De resto, eram sempre encantadoras as recepções naquella casa, onde se reuniam as mulheres mais formosas da sociedade e os homens notaveis nas artes, no jornalismo, na politica, os banqueiros mais em evidencia e os senhores, os jovens senhores ricos e indolentes de uma reconhecida incapacidade mental. Além disso, Mme. tinha o segredo de acrescentar á lista das celebridades que lhe davam lustre ás recepções a meia duzia das senhoras da alta roda cujas virtudes maior discussão houvessem soffrido nos trinta dias de intervallo entre uma festa e outra.

Feitos os cumprimentos a Madame e ao marido, Maximo deteve-se á porta da sala de dança e circumolou o olhar investigador, fazendo graciosos acenos de cabeça ás pessoas que ia reconhecendo. A valsa que nesse momento a orchestra começou a executar poz em campo dezenas de pares. Ao rodopelo da dança, logo reconheceu num gyro languido a figura de Syrte, cujos olhos de longe o fitaram, rapidos e medrosos. Maximo viu que os olhos de Syrte eram os que elle sempre conhecera, os mesmos olhos negros e macios, de um negro de peccado. E viu mais, disfarçando quanto podia a analyse, que Syrte estava suprema de belleza e graça, no vestido finissimo côr de perola, sem uma prega, sem uma ruga, que lhe desenhava escrupulosamente o corpo de linhas doces e ondulantes, e acima do busto se abria, deixando surgir o collo de um tom de perola mais fraco e o pescoço esguio e a pequena cabeça de um contorno hellenico oscillando ao rythmo da valsa como uma nobre flor ao vento.

Nesse instante um roçar de sedas contra sedas fel-o voltar-se para traz. Era Mme. que chegara e se dirigia para a sala.

— Esperava por V. Ex. para começar o meu baile...

E como Mme. cedesse com um claro sorriso e um alegre olhar, Maximo tomou-a pelo braço e, depois de alguns segundos, os dois entraram no turbilhão.

Pelo sexo, Madame era indiscreta sem ser leviana. Mais de uma vez pedira a Maximo que a considerasse como um amigo ou pelo menos um bom camarada. Era difficil ou impossivel tratando-se de uma mulher bonita ainda nos seus trinta annos viçosos. Isso mesmo lhe dissera Maximo. Ella agradeceu o cumprimento e não insistiu.

Pouco a pouco, porém, provou-lhe que sabia alguma coisa da sua vida intima. Uma palavra maliciosa, ás vezes uma phrase onde cada vocabulo parecia fazer o papel de testemunha, insinuações meio directas, situações intelligentemente preparadas, tudo isso mostrava que ella conhecia os seus segredos e até os segredos da sua *garçonnière*. Nas indiscreções de Madame era visivel a necessidade de fazer d'ella um camarada, um bom camarada, no original.

Na ultima visita feita por Maximo áquella casa, havia quasi dois mezes, Madame conversára de Syrte, exigira uma confidencia completa. Elle contou um pouco de seu amor, quasi nada do tempo bom, e narrou com a maior precisão de detalhes o rompimento ainda recente. Quando a narrativa terminou, Madame lhe ganhára toda a confiança. De modo que não houve o menor constrangimento nesta phrase que foi cair nos ouvidos de Maximo:

— Apezar de tudo, o meu amigo vae dizer que Syrte é a mais linda creatura da sala...

— Talvez o dissesse, se V. Ex. não estivesse aqui.

— Ahi vem com o seu mão costume de lisongear. Mas, ao menos, acha que está irresistivel...

— Tambem não. Faço toda a justiça dizendo que Syrte está formosa; digna enfim de ser acolhida em sua casa.

— O meu amigo já a cumprimentou, de certo.

— De certo, não. Ella ainda não me viu e por mim não tive tempo ainda. V. Ex. sabe que, mal cheguei, dei-me pressa em vir á sala, á dança, guiado pela minha boa estrella.

— E acha que d'esse modo evita os perigos?

— Tenho a certeza. Não crê a gente nos anjos impunemente...

Houve uma pausa no dialogo, que Maximo com facilidade preencheu deixando a vista envolver o corpo todo da creatura que bailava pelo seu braço, sentindo em ondas embriagadoras o cheiro que se evolava d'aquella carne ainda moça. Em um momento, os olhos de ambos se encontraram, justamente quando Maximo se achava em mais absoluta contemplação. Ella estremeceu, percebendo o olhar abrazado de seu par. E o fim da valsa foi delirante.

— Já foi ver o jogo? perguntou ella depois de fazer uma volta pelo salão.

— Ainda não.

— Venha commigo.

Atravessaram o salão, passaram pela sala de orchestra e entraram em outro aposento da casa,

amplo, confortavel, destinado aos velhos sem outra paixão que o azar das cartas e aos moços que a Sorte já dominava. Pararam ambos á porta. Madame olhou rapidamente e disse afastando-se:

— Não está.

Maximo não comprehendeu a scena e perguntou:

— Poderei saber por quem V. Ex. procura?

— Procuo Syrte.

Foi com espanto que elle replicou:

— Mas tenho quasi a certeza que a deixamos no salão...

— Neste caso vamos lá.

O passo de Madame era pressuroso.

— Porque me leva a minha boa amiga para junto de Syrte?

Ella deteve-se. E foi entre risonha e séria que respondeu:

— O meu amigo é que se dá ao incommodo de me levar até onde está Syrte.

— Ah!

Entraram na sala de orchestra. O salão ao lado, cessada a valsa, estava cheio do rumor dos que agora andavam e de um brando murmurar de vozes em surdina. De subito, a figura esbelta de Syrte surgiu á porta, face a face de ambos, e estacou insensivelmente.

Maximo adeantou-se e a saudação que lhe dirigiu foi de uma serena polidez.

— Onde vaes, Syrte, com tanta pressa? inquiriu Madame.

— Aconteceu-me um pequeno desastre na sala. Vou ao *boudoir*.

E Madame para Maximo:

— O meu amigo vae acompanhar-te até lá...

— Sem incommodo...

— Nenhum, minha senhora.

Os dois partiram, em silencio, contrafeitos, enquanto Madame penetrava outra vez no salão.

A porta do *boudoir* Syrte desprendeuse do braço d'elle, que se deteve á espera. Pouco tempo alli esteve, o bastante comtudo para rememo-

rar o capitulo e evocar a maldade satanica da alma de Syrte. Com effeito, Syrte lhe fizera grande mal. E o que mais lhe impressionava nas suas perversas acções, de uma infinita perversidade, era a fórma de inconsciencia de que se revestiam. Syrte o amára, seguramente muito o amára. Tinha disso provas deliciosas. Mais de uma vez lhe experimentára a sensibilidade para verificar até que ponto a tinha captiva. E a conclusão a que chegava era sempre a melhor: ella era de uma docilidade, de uma humildade que nunca encontrara em outra mulher. E a audacia de Syrte

naquelle amor que devera viver á sombra fazia-o pasmar e algumas vezes tremer. E fôra essa mesma audacia que a perdera, quando abertamente concedeu a côrte a outro homem deante de Maximo e do marido, portando-se como uma perfeita inconsciente. Durante tres dias elle a odiou, ou antes, deixou-se invadir por um profundo sentimento de desprezo. No quarto dia Syrte lhe appareceu inopinadamente em casa, ás duas horas da tarde de um lindo dia de Primavera, depois de em vão ter esperado resposta ás suas cartas afflictas e eivadas de perguntas de toda a sorte. Maximo estivera a principio de

uma brutal simplicidade. Como não houvesse humilhação que a fizesse demover do intento de se reconciliar, após longos vinte minutos de rogos e imprecações, foi Maximo quem deliberou sahir, cheio de raiva e de aborrecimento, deixando-a em seu gabinete, aos pés do soberbo grupo do *Triumpho de Aphrodite*, em marmore, onde se vê a deusa victoriosa, no seu carro tirado por quatro cavallos fogosos e de azas abertas deslocando o ar.

Pela madrugada voltou. Havia de Syrte um vestigio: uma carta febrilmente escripta, começando por um montão de injurias, descendo gradativamente até o mais pungitivo lamento. Maximo sorriu com piedade e guardou a carta com cautela. Deitou-se pouco depois e adormeceu com

MONTEIRO LOBATO

OS NEGROS

Novella cine-romantica, com pios de coruja, noites tempestuosas, mortes tragicas e outros ingredientes de tomo; leitura perigosa ás meninas hystericas e aos velhos cardiacos que crêm em almas do outro mundo.

Um bello volume, com lindas illustrações de Ruy Ferreira . 1\$000
Pelo correio, registrado. . . . 1\$300

Soc. Editora Olegario Ribeiro
CAIXA POSTAL N. 1172 — SÃO PAULO

a tranquillidade de um justo. Quando no dia seguinte acordou, tinha a certeza de que Syrte o odiava de morte. E com isso se alegrou. Nunca mais a vira desde então, até aquelle baile, aquelle momento em que a encontrara fugindo da sala caminho do *boudoir*, a remediar o desastre.

E nisso ella appareceu, refeita a *toilette*. Tomou-lhe o braço, um pouco esquerda, ainda. Elle disse:

— Quer jogar uma partida de bilhar?

Syrte accitou. A sala de bilhar estava inteiramente vazia. Ao penetrarem, mal o reposteiro cahira sobre ambos, de um gesto Maximo tomou-lhe a cabeça formosa nas mãos e collou os labios nos seus labios que de repente embranqueceram.

E houve de bocca a bocca um sorvo longo, que parecia não ter fim, onde todas as volupias se encontraram reunidas, numa condensação de fremitos e palpitações de carne, num deliquio de almas em surtos longinquos e mysteriosos, e houve de bocca a bocca um beijo farto, sustadas as respirações em um minuto interminavel, como se ambos renunciassem á Vida e ali ficassem hirtos, ligados um ao outro, fundamente ligados um ao outro, fundamente ligados num enlace eterno, na apothese radiante do Amor e da Beleza...

A um rumor proximo de passos ambos se rePELLIRAM assustados. Deram-se o braço, deixando a sala. Madame vinha para elles, com alegria e pressa:

— Jogaram bilhar?

— Iamos jogar, disse Maximo, escondendo a emoção. Mas a sala está quente e preferimos dançar esta valsa. Si V. Ex. permite...

— Não percam tempo, vão.

E a valsa foi encantadora. Quinze minutos depois, Maximo sentava-se a uma meza de *pocker*, de onde se ergueu ás duas horas para a ceia, tendo ganho alguns centos de mil réis. Não teve á meza (e com isso deu graças a Deus) visinhança incommoda ou indiscreta. Madame sentara-se longe, ao lado de um inglez, um claro rapaz londrino, que tinha a vantagem de saber jogar o *tennis*. Quanto a Syrte, ficara ao pé do marido.

Um charuto fumado em companhia de homens que falaram de politica, a um canto da sala de

jogo, com mais ou menos monotonia, findara a sua noite. Achava-se agora ali na rua, seguindo a pé para casa, ao clarão das estrellas. Nos seus olhos grandes e claros persistia o mesmo lume de espanto.

E' que, recapitulando tudo, não encontrara uma explicação para o incidente. De certo não amava Syrte. Seria uma imprudencia e uma tollice. E ella? A resposta foi categorica. Sim, era evidente. Mas como não haver naquella alma o menor movimento de recusa para a caricia de um homem que com bruteza e crueldade a tratara? Porque humilhar-se d'esse modo, se lhe não faltavam corações inflammados de amor, tocados pela sua magia?

Elle ainda a dominava e sentia que em qualquer momento da vida aquella creatura seria sua e o amaria com exuberancia e paixão.

Maximo considerou facil e de bom sabor esse conceito. Mas elle? Porque aquella brusca mudança no seu procedimento? Não fôra uma experiencia. Não teria tido coragem para tentala, na certeza da repulsa. Um subito accesso de afeição? Tambem não, isso jurava. Então, então fôra a saudade de um recanto da Terra que se amou, de um logar em que se viveu um dia feliz, aonde se aportou com todas as esperanças e de onde se sahiu fatigado depois de vistos todos os segredos, quebrado o encanto que de longe nos acenava. Mas os dias passaram. A' medida que passavam os dias, o encanto retomava o seu antigo prestigio. As tentações estavam lá, chamando e attrahindo, irremediavelmente attrahindo. Fôra a saudade que lhe arrastara os labios soffregos para aquelles labios, para aquella bocca. E agora, vista de de novo a Terra Prohibida, a indifferença retomava o seu logar. A saudade, fôra apenas a saudade...

Maximo parou. O *coupé*, que de manso rolava, correu um pouco, a seu encontro. O *grooqi* desceu, abriu a portinha que logo em seguida se fechou, com estrepito. Uma chicotada estalou, fustigando os animaes. Com um arranco o carro partiu pelo frio da manhan de hinverno, ao clarão das estrellas desmaiadas.

Rio, 1905.

OSCAR LOPES



SUPPLEMENTO

**A vida anecdótica
e pittoresca dos
grandes escriptores**

MONTEIRO LOBATO

DE COMO JOSÉ RENATO
MONTEIRO LOBATOPASSA
A CHAMAR-SE JOSÉ BEN-
TO MONTEIRO LOBATO.

José Renato deve ter sido um menino endiabrado e manhoso. Tantas diabruras quantas manhas, tantos caprichos quantas voluntariosas teimas; encheria, sem duvida, a casa solarenga do sr. Visconde de Tremembé. Seria o terror da passarinhada e bom amigo da criação — cabritos e bezerros, — uns, excellentes para o carrinho; outros, optimos para os corcóvos... Traquinagem inaudita iria por terreiros e pomares, cafésaes e invernações.

Mas, tudo aquillo já não tinha encanto. A roda d'agua, a engenhoca, o carro de bodes, estilingue e bodoque, faca de ponta e Winchester, ora, tudo muito interessante e bonito, mas — que diabo! — tudo infantil... Também isso de calças curtas vae indo, vae indo e enfára. Nem um fio de barba, nem sombras de buço...

Aquella bengala, por exemplo, cerne de alecrim, castão de ouro e monogramma, porque não lh'a dariam?

— Quero a bengala!...

— Não pode, filho. Estraga, sae o verniz, quebra o castão...

— Não quebra. Quero a bengala!...

— Não. Olha aqui. Escuta um pouquinho, quieto como gente. Isto aqui é o meu monogramma: J. B. A bengala é minha, é de José Bento, por isso tem essas duas letras. Você é José Renato... E José Renato, dono da bengala, precisava escrever aqui J. R. Não pôde... Se você fosse José Bento...

— Eu quero ser Zé Bento! quero, quero, quero!...

E José Renato azoïnava todos os ouvidos do fidalgo solar de Tremembé. Havia já tres dias que aquillo começara e ainda nenhuma esperança de salvar o castão de ouro, reliquia da familia, escondida num canto do guarda-roupa, onde, sempre que o abriam, lá ia admirar-o o pequenote, fazendo scenas como essa.

Felizmente, agora, o argumento do monogramma encaminhava-se para bom exito. Importava na mudança de nome, coisa séria e complicada, que exige, pelo menos, padre e agua benta.

— Queria trocar de nome? Então, paciencia um pouco. Isso não se faz num dia, quando se queira. Espere que venha o Bispo e, nã occasião do Chrisma, então, sim...

E José Renato teve um grande problema a resolver: a escolha dos padrinhos, que o absorveu e distrahiu no momento. Mas, não vinha o sr. Bispo e, enquanto não, a metamorphose onomastica se ia operando. Renato só attendia ao nome de José Bento. Chamassem-no, o dia inteiro, por outro nome — não apparecia. Deu-lhe a vontade de aprender: queria ler e escrever. Via agora que a importancia da escripta é decisiva. Resolve a sorte das bengalas de castão de ouro... Em breve, estadeava o novo nome com todas as letras, sobrenome e todos os cognomes:

**JOSE BENTO MONTEIRO LO-
BATO**

Era no papel, nos batentes e folhas da porta, nas paredes, em todas as paredes. As mucamas não tinham mãos a medir no apagar as garatujas.

Afinal, o nome pegou. E a bengala do monogramma? — Ah! Essa tenha paciencia. E'

sua, mas fica guardada. Quando você ficar grande...

* * *

E, de facto, quem ficou grande não foi outro senão José Bento Monteiro Lobato, que decerto, hoje não se lembra mais da bengala do castão de ouro...

B. F.

**Curiosidades
literárias**

**EUCLYDES DA CUNHA
NO PERU**

Em Euclides da Cunha o caracter principal era, sem duvida, a altaneria civica.

A alma de guerreiro antigo, que o levou ao exercito e que tão depressa delle o desligou, por incompativel á instituição moderna da disciplina militar, animou sempre o "egresso da farda", que, um dia, insolito, arrostára a magestade do Imperio, perante as suas mais altas auctoridades. O episodio não ficou sem par. A chronica anecdótica do auctor dos *Sertões* está cheia delles. Revelam-nos mesmo as suas obras, naquellas paginas memoraveis da exploração amazonica.

Então, em contacto com o estrangeiro, em momento critico da questão nacional de limites, elle mesmo arbitro da questão, a sensibilidade da grande alma brasileira se apurava e, não raro, irrompia em explosões altivas. E' desconhecida, cremos, uma bella e expressiva passagem da sua vida nos confins brasilio-peruanos. Conta-a, agora, o sr. dr. Pimenta da Cunha, companheiro de Euclides na Comissão Brasileira do Reconhecimento dos Rios Juruá e Purús.

Depois de uma jornada cheia de peripecias, navegando rios e iga-

rapés, transpondo "furos" e vencendo mil perigos e sacrificios, a 28 de junho, a comissão chegou a Curanja, caserio peruano, em franca decadência, na margem direita do rio Purús, situada defronte da confluência desse com o "Curanja", que no mappa de W. Chardless está com o nome de Curumaha e que depois do Acre é a principal forquilha do Purús, onde se demorou 5 dias (de 28 de junho a 2 de julho.) Curanja teve outr'ora, cerca de mil habitantes, mas em 1905 a sua população estava reduzida a 120 pessoas.

Ahi, onde a população cauchera vive em perpetua guerra com os indios "coronauhas", realisou-se, em casa do peruano Eloy Barbaran, um almoço oferecido á comissão brasileira. Recebida para a cerimonia com salvas de 21 tiros de riffle — conta o dr. Pimenta da Cunha: — «Ao iniciar-se o repasto, o olhar investigador de Euclides da Cunha notou a ausencia da nossa bandeira naquella profusão de ornamentos, onde o symbolo peruano avultava ostensivamente com as suas bellas côres. Mas o verde amarellado do "palmito" que elles para alli levaram, inspirou a Enclydes, no seu discurso de agradecimento, as palavras de requintado civismo, pelas quaes ficaram os peruanos sabendo que melhor valiam, alli, perto dos extremos virgens da nossa Patria, a sua representação entre aquelles enfeites de momento, pelos leques colhidos á palmeira altiva e recta, como tambem altiva e recta e altaeira ella tem sabido ser, em vez de symbolisada por tecidos mal tintos, que os mercados offerecem...

Tamanhos sacrificios, semelhantes desconfortos, iguaes torturas de côpo e de espirito, todo o tortuoso itinerario pelo qual alli chegamos, si a nossa consciencia não nos tivesse dado quitação delles, pelo bem do dever cumprido, pela fortuna de servir á Patria, esse gesto cavalheiresco de Euclides, com o orgulho de que nos encheu fôra a recompensa mais eloquente por que nos satisfariamos.

Esse gesto valeu, pois, por si só, a pena dos soffrimentos.

E tanto mais avultou esse

feito de altivez, esse impulso de patriotismo, que os nossos obsequiadores, sentindo-se mal postos ante nós, em seu proprio territorio, se justificaram do esquecimento, propositado ou não, da nossa bandeira, dizendo, pela voz, não me recôrdo bem se de Eloy Barbaran, numa satisfação com vincos de diplomacia:

«Usted comprendió mui bien nuestro pensamiento.»



A moderna orientação da novella

A guerra não abalaria o mundo, subvertendo todas as nossas ideias. sem que sobre a literatura desencadeasse as ultimas descargas de sua influencia, generalisada a todas as manifestações da vida. As letras, sujeitas não só á evolução, mas até ás modificações dictadas pela moda ephemera, não veriam passar, incolumes, a grande catastrophe. Producto do espirito, no que elle tem de mais intimo e profundo, soffreriam parallelamente o que soffresse aquelle. Ora, com os phenomenos sociaes e economicos, que profundamente modificaram o meio, tambem profundamente se mudou a mentalidade collectiva.

A trincheira foi um nascedouro de emoções dispaes. O mysticismo de quem viu perto a morte e a possibilidade de uma vida futura não desarraigou, antes desenvolveu e acirrou o materialismo de quem, instinctivamente, tantas vezes se concentrou na necessidade premente da propria conservação. Situação de naufrago, solicitação, no momento estremo, por tão desencontradas suggestões, determinaria, certo, um novo estado d'alma. Experimentaram-no milhões e milhões de homens. Contagiaram-se delle, á força da emoção mais intensa, sentida por uns, sobre as mais flebeis, sentidas por outros, os restantes milhões de homens que assistiram ao

drama daquelles. Actores e espectadores, é uma só a impressão que os envolve.

Quaes, pois, as novas directrizes literarias?

Mal definidas ainda, percebem-se, entretanto, aqui e alli, indicadas já por diversos criticos.

Antes da conflagração, a psychologia era a espinha dorsal da novella e chegou-se a desdenhar nos altares desta moda literaria, da urdidura, trama ou intriga, que foi, é e será a razão eterna de toda narrativa. Certa perversidade enferma e decadente, considerada de «bom tom» e symptomatica de refinamento espirital, pôz o seu grão de pimenta no geralmente desabrido dos argumentos e desta arte, obras absolutamente fracas e invertebradas adquiriram apparencias de robustez. A novella franceza, que orientava caminhos, estava reduzida, quasi exclusivamente, ao trabalho cirurgico de perscrutar e descobrir «modalidades humanas».

Os novellistas que durante a guerra deveriam bater-se ou empregar seus talentos em obras mais urgentes, ao retomar a penna, relatam o abysmo aberto entre 1914 e 1920 pela contenda, achando-se uum estado de deslumbramento, como se se houvessem transportado de uma época conhecida a outra ignorada. As ideias, a moral, os sentimentos, a orientação esthetica do povo, são para elles um enigma e como que adivinham uma mudança radical no que antes era a «élite»; o espectaculo da vida e dos homens apresenta-se por um signal de interrogação.

A moderna novella é a que se escrevia para creanças, que só são capazes de curta attenção. Urdidas unicamente com o objectivo de divertir, não se preoccupam nem com o colorido dos logares, nem com a observação da sociedade, nem com a realidade dos personagens, nem com a intensidade das paixões que affrontam, nem sequer com a credibilidade.

A «Atlantida», de Pierre Benoit, accusada como plagio de Rider Haggard, é o typo. Pode figurar ao lado dos romances de Alexandre Dumas (pae) e dos auctores inglezes como Maiae Reid e outros. Em poucos me-

zes as edições alcançaram 80.000 exemplares.

O quinquennio da guerra preparou a mentalidade publica com a ferramenta cinematographica.

Nos paizes em que se combatia, a angustia era enorme para permittir aos cerebros um esforço supplementar de attenção e penetração. Os povos só procuravam balsamos obliterantes nas leituras e espectaculos, naturalmente pela variedade, pela modicidade de preço e pela profusão e diffusão. O cinematographo era o espectáculo predilecto mesmo das pessoas, que antes o repelliam pelo seu gosto, educação e condição social.

Pela mesma razão, generalizaram-se os romances de aventuras e as novellas policiaes, sobretudo quando a America do Norte introduziu esses monstros na Europa — monstro hybridico que se denomina a novella cinematographica — que se lê nos jornaes de manhã e á noite se vê representada nas salas de exhibição dos bairros.

Anciãos, mulheres e crianças sentiam a necessidade do contacto, da mudança de impressões, das confidencias, dos temores, das esperanças... e tambem a necessidade de esquecer, durante umas duas horas, para dar treguas á excitação que actuava sobre os nervos, e renovar o ar sentimental dos corações que afogavam as angustias. Então, recorriam á sala dos cinemas. Viam-se em pleno inverno, sobre a neve caída e sob a neve que caía, em ruas escuras por economia de luz, as fileiras interminaveis de gentes resignadas e martyrizadas, que iam esperar a vez de penetrar no palácio da illusão e do olvido.

E os combatentes ?

Era de ver-se esses officiaes e esses soldados licenciados sitiar «music-halls», cafés-concerto e cinematographos, para rir, para sentir-se na vida civil e sobretudo para esquecer o pesadello de 3 mezes.

De um inquerito feito por um diario de Paris, durante a guerra, resultou que nas trincheiras se liam duas classes de livros : as novellas de imaginação e as obras que objectivavam de alguma forma aclarar o turbador

mysterio da vida do além. A predilecção pelas ultimas leituras explica-se pelas circumstancias especiaes em que viviam os leitores ; a essa influencia se devem muitas das numerosas conversões mysticas, que com-

provamos entre alguns jovens poetas que fizeram a guerra.

A novella moderna degenera, pois, em folhetim, até que, um dia, a nova geração, aproveitando essa tendencia, possa restabelece-la em nivel superior.

Os nossos poetas

OS VERSOS DO IMPERADOR

D. Pedro II, imperador de Brasil, sabio e erudito, acatado como tal nas Academias e Institutos das capitães europeas, foi tambem poeta e não o foi sem razão. O gosto artistico e o genio não começaram para se extinguir com elle em sua longa cadeia dynastica. A corte de D. João VI foi um viveiro de artistas. Na pintura, Taunay, Debrét, Grandjean, Dubugras e, na musica, Marcos Portugal, José Mauricio e Francisco Manoel compuzeram o ambiente dos reis lusos no Rio de Janeiro. D. Pedro I foi pianista e musico notavel.

Não admira, pois, que D. Pedro II fosse poeta. Razões ethnicas o predispunham para tanto e razões actuaes de factos abundavam em sua larga cultura, seu espirito philosophico, seu impenitente idealismo com todo o séquito de sentimentos que o distinguam. Com isso, que lhe faltava para poetar como grande poeta ?

Carecia, talvez, das condições pés-

soaes intimas, das circumstancias do momento, propicias ao desabrochar da inspiração, que a equivalencia dos valores moraes e mentaes no homem nos dá essa estupenda maleabilidade, que atravez das vicissitudes nos conduz, podendo fazer de nós tão grande poeta quanto habil carpinteiro, tanto artista quanto artifice, tanto dramaturgo quanto financista, rico mercador ou literato, heroe ou bandido, excellentemente imperador ou bom poeta. D. Pedro II rei, era o plasma, continente de Pedro II, poeta. O artista nelle contido rompeu feito, assim que o plasmaram as circumstancias.

A revolução feriu-o, fundo. E elle, que não era hospede no mysterio, surgiu grande poeta. Os seus sonetos mais reputados datam do exilio, provêm da grande dor que o cruciou. A magnanimidade do imperante se fez poesia e belleza.

Appareceram, então, os seguintes versos:

TERRA DO BRASIL

Espavorida agita-se a creança
De nocturnos phantasmas com receio,
Mas se abrigo lhe dá materno seio
Fecha os doridos olhos e descança.

Perdida é para mim toda a esperanza
De volver ao Brasil: de lá me veio
Um pugilo de terra; e nesta creio
Brando será meu somno e sem tardança.

Qual o infante a dormir em peito amigo,
Tristes sombras varrendo na memoria,
O' doce patria, sonharei contigo!

E entre visões de paz, de luz, de gloria,
Serenos aguardarei no meu jazigo
A justiça de Deus na voz da Historia!

Acaba de apparecer

A PRIMEIRA SERIE DE

VULTOS E LIVROS

(ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS)

POR ARTHUR MOTTA

Pedidos a **Monteiro Lobato & C.** Editores
Rua Boa Vista N. 52 e Caixa 2-B e SÃO PAULO

MENSAGEIRO DO AMOR

«Mensageiro do amor e da saudade,
Toma teu vôo pela azul planura;
Vai dizer ao Brasil em que tristura
Tu nos deixaste aqui na soledade.

Vogam commigo os meus na immensidade,
Buscando em terra extranha sorte escura
E eu mais longe inda irei: que desta agrura
Sei que caminho vou da Eternidade.

Mas ah! que vejo! Apenas te remontas
Entre dous pégos voejando ás tontas
Rápido tombas em revoltas aguas.

Bemvindo sejas, ó celeste aviso!
Que assim me revelaste de improviso
A morte como termo a tantas maguas.

CALVARIO

A provação nem uma o Heroe divino
No drama da paixão tentou fôrçar-se,
E na frente a sangrar sentiu cravar-se
Duro espinho por mãos de algoz ferino.

Vaias do poviléo em desatino,
Sob o látego a carne a lacerar-se,
E, para o sacrificio consummar-se,
Na cruz a morte como escravo indino.

Porém a Virgem Santa, alto sacrario,
Manda eternal poder que immune seja
De escárneos e baldões da grei malvada.

Deus, ó Deus! tambem estou no meu Calvario:
E assim possa eu morrer antes que veja
A Patria, minha mãe, despedaçada!

CARCERE DE ARGILLA

Deus, que os orbes regulas esplendentes
Em numero e medida ponderados,
Nelles abrigo das aos desterrados,
Que se vão suspirosos e plangentes.

Assim, dos céos ás vastidões silentes
Ergo os meus pobres olhos fatigados,
Indagando em que mundos apartados
Lenitivo à saudade nos consentes.

Breve, Senhor, do carcere d'argilla
Hei de evolar-me, murmurando ansioso
Timida prece: digna-te d'onvil-a.

Põe-me ao pé do Cruzeiro magestoso,
Que no autáretico céo vivo scintilla,
Fitando sempre o meu Brasil sandoso!

São, de facto, do Imperador? Ou
Lhos attribuem, simplesmente?

Coincidindo a publicação delles com
o agitado momento politico dos pri-
meiros annos do regimen, não falta-
ram versões varias que deram a este
ou aquelle a gloria de tão bellos
versos e a D. Pedro, apenas, a attri-
buição simples, arma politica para o
efeito sentimental perante a multi-
dão. Afonso Celso e Carlos de Laët
foram chamados á surdina, a perfil-
har os sonetos — bombas, que pun-
ham, mansamente, em cheque a Re-
publica nascente.

Mas com que fundamento se duvi-
dava, assim, da assignatura de D. Pe-
dro? Não era elle o sabio e o erudito
conhecido?

E' que, impiedosamente alvejado
pela critica, nunca lhe respeitaram os
adversarios a reputação de homem
culto. As anedotas, que procuram

diminuil-o como letrado no conceito
publico, são numerosas. Conta-se, por
exemplo, que, publicadas «As pom-
bras», S. M., apreciando immenso o
celebre soneto de Raymundo, como
toda a gente, dirigiu-se, entretanto,
ao poeta e em conversa lhe pergun-
tou porque não substitua o verso:

Ruflando as azas, sacudindo as
pennas»,
dizendo de preferencia:
«Sacudindo as azas, sacudindo
as pennas...»

Seria um desastre. Perder-se-ia o
excellent verso de Raymundo, mag-
nifico muito apesar do neologismo —
«ruflando» — e ter-se-ia um verso es-
candalosamente quehrado e pifio...

Assim, a snspeição assumia visos de
verdade, estribada em tamanha cinca
de critico.

TREZE DE MAIO

«Desfallecido, errante, forasteiro,
Já das sombras da morte circumdado,
Subito ouvi: «Resurge! que extirpado
Foi no Brasil p'ra sempre o captiveiro!»

Presto a fugir, o alento derradeiro
Volveu-me ao coração quasi parado:
«Grande povo!» exclamei, «povo adorado!
Entre os demais da terra és o primeiro!»

Traguei, depois meu calix d'amargura,
Mas da verdade a lei não ha quem mude:
Grande povo! eu dissera entre torturas.

Grande povo no brio e na virtude!
Sê feliz, goza em paz as mil venturas
(Que deparar-te quiz e que não pude!»

A' IMPERATRIZ

Corda que estala em harpa mal tangida,
Assim te vaes, ó doce companheira
Da fortuna e do exilio, verdadeira
Metade de minha alma estremeçada!

De augusto e velho tronco haste partida
E transplantada á terra brasileira,
Lá te fizeste a sombra hospitaleira
Em que todo infortunio achou guarida.

Feriu-te a ingratição no seu delirio;
Cahiste e eu fico a sós, neste abandono,
Do teu sepulcro vacillante cirio!

Como foste feliz! Dorme o teu somno...
Mãe do povo, acabou-se-te o martyrio;
Filha de reis, ganhaste um grande throno!

INGRATOS

Não maldigo o rigor da iniqua sorte,
Por mais atroz que fosse e sem piedade,
Arrancando-me o throno e a magestade,
Quando a dois passos só estou da morte.

Do jogo das paixões minha alma forte
Conhece bem a estulta variedade,
Que hoje nos dá continua f'licidade
E amanhã — nem um bem que nos conforte.

Mas a dôr que exercucia e que maltrata,
A dôr cruel que o animo deplora,
Que fere o coração e prompto mata,

E' ver na mão cuspir á extrema hora
A mesma boca aduladora e ingrata
Que tantos beijos nella poz outr'ora.

Não é de crêr, porém, a hypothese
Mystificação e charlatanice innomina-
veis, repugnam tanto á indole nóbre,
recta, equanime do ex-monarcha, en-
tão ainda vivo para não consentir no
embuste, como á feição moral dos
dois illustres homens de letras.

Por certo, não são apocryphos os
sonetos do Imperador. Quando menos,
ha na vida e precisa haver uma pre-
sumção de sinceridade e verdade para
o recto julgamento de homens e
coisas. Desse presupposto de honesti-
dade, que não pode ceder ao primei-
ro choque, pois que é de exacta veri-
ficação a impotencia da erronia e da
mentira, parte a crença na authenti-
cidade dos sentidos versos do monar-
cha deposto, corroborada por tantas
probabilidades.

Não tergiversamos, portanto, ao re-
produzir aqui, sob os queridos versos,
a imperial assignatura.

EDIÇÕES DA

Sociedade Editora Olegario Ribeiro

AMADEU AMARAL

A Pulseira de Ferro (novella) 1\$000
Um soneto de Bilac (critica) 2\$000

MONTEIRO LOBATO

Os Negros (novella) 1\$000

LÉO VAZ

Ritinha (novella) No prélo

GUSTAVO BARROSO

Mula sem cabeça (novella) No prélo

A. DE SAMPAIO DORIA

O que o cidadão deve saber (10.º milheiro) 3\$000

F. T. DE SOUZA REIS

A Divida do Brasil (estudo historico) . . . 4\$000

WALDEMAR FERREIRA

Manual do Commercialista 8\$000
Estudos de Direito Commercial 10\$000
A Hypotheca Naval no Brasil 3\$000

AUCTORES DIVERSOS

O que todo o commercialista precisa saber
(10.º milheiro) 2\$000
Almanach Commercial Brasileiro de 1918 6\$000

NICOLAU ATHANASSOF

Os Suinos, manual do criador de porcos
(2.a edição, 8.º milheiro) 3\$000

OS PEDIDOS DO INTERIOR DEVEM TRAZER MAIS 10 o/o PARA O PORTE

SOCIEDADE EDITORA OLEGARIO RIBEIRO

Rua Dr. Abrançhes, 43 - Caixa Postal 1172 - SÃO PAULO

EDIÇÕES DA "Revista do Brasil,,

	Broch.	Encad.		Broch.	Encad.
NEGRINHA, contos por <i>Monteiro Lobato</i>	2\$500	3\$500	DIAS DE GUERRA E DE SERTÃO, interessante narrativa pelo <i>Visconde de Taunay</i>	4\$000	5\$000
URUPÉS, contos por <i>Monteiro Lobato</i> , 6.a edição	4\$000	5\$000	MADAME POMMERY, romance satyrico, por <i>Hilario Tacito</i>	4\$000	—
CIDADES MORTAS, contos por <i>Monteiro Lobato</i> , 2.a edição	4\$000	5\$000	BRASIL COM S OU COM Z, por <i>F. Assis Cintra</i>	3\$000	—
IDÉAS DE JÉCA TATÚ, critica por <i>Monteiro Lobato</i> , 2.a edição	4\$000	5\$000	VIDA OCIOSA, romance por <i>Godofredo Rangel</i>	4\$000	5\$000
NARIZINHO ARREBITADO, livro de historias para crianças, por <i>Monteiro Lobato</i>		3\$500	OS CABOCLOS, contos por <i>Valdomiro Silveira</i>	4\$000	5\$000
POPULAÇÕES MERIDIONAES DO BRÁSIL, estudo de sociologia por <i>F. J. Oliveira Vianna</i>	8\$000	10\$000	HISTORIAS DA NOSSA HISTORIA, por <i>Viriato Corrêa</i>	3\$500	4\$500
PROFESSOR JEREMIAS, por <i>Léo Vaz</i> , 3.a edição	4\$000	5\$000	ESPHINGES, versos de <i>Francisca Julia</i>	5\$000	—
VIDA E MORTE DE GONZAGA DE SÁ, romance por <i>Lima Barreto</i>	2\$000	—	SCENAS E PAISAGENS DA MINHA TERRA, versos caipiras de <i>Cornelio Pires</i>	5\$000	—
LIVRO DE HORAS DE SOROR DOLOROSA, poesias por <i>Guilherme de Almeida</i>	5\$000	—	CASA DE MARIBONDO, contos, <i>João do Norte</i>	3\$000	—
ALMA CABOCLA, versos de <i>Paulo Setubal</i> , 2.a edição	3\$000	4\$000	PAIZ DE OURO E ESMERALDA, romance, <i>J. A. Nogueira</i>	4\$000	—
			PEDIDOS PARA O INTERIOR, MAIS 10 o/o PARA O PORTE		

Pedidos aos Editores: **Monteiro Lobato & C., Caixa 2-A - S. PAULO**

A NOVELLA NACIONAL

A NOVELLA NACIONAL é uma série de pequenos livros, nos quaes se mira ao seguinte escopo: offerecer a melhor leitura, sob a apresentação mais artistica, ao preço mais barato possível. Os objectivos desta publicação, de que é director o sr. Amadeu Amaral (da Academia Brasileira) podem assim, condensar-se no lemma — LIVRO BOM E BONITO AO ALCANCE DE TODOS.

Apparece approximadamente um volume por mez, com cerca de 80 paginas, no formato $16\frac{1}{2} \times 12\frac{1}{2}$ centimetros, impresso em magnifico papel e illustrado com numerosas e artisticas gravuras, contendo uma obra completa de auctor conhecido.

Mo

A seguir novellas de:

Coelho Netto,
Afranio Peixoto,
Waldomiro Silveira
Cornelio Pires e outros.

Cada volume 1\$000 em todas as livrarias. Pelo correio, registrado 1\$300.

Assignaturas com direito a receber todos os volumes registrados:

Série de tres novellas 3\$500; série de seis novellas 7\$000; série de doze novellas 14\$000.

Pedidos á

Sociedade Editora
Olegario Ribeiro
Rua Dr. Abranches N. 43
Caixa, 1172 - SAO PAULO

Volumes publicados:

A Pulseira de Ferro por AMADEU AMARAL, o successor de Olavo Bilac, na Academia Brasileira. "E' no genero uma verdadeira obra prima", — disse desta novella o grande poeta Alberto de Oliveira.

Os Negros por MONTEIRO LOBATO, o celebre creador de Jéca Tatú. Estão no prélo mais dois volumes:

Ritinha por LEO VAZ, o festejado auctor do "Professor Jeremias", romance que obteve o maior successo literario da actualidade, alcançando tres edições em poucos mezes.

Mula sem cabeça por GUSTAVO BARROSO, o famoso escriptor cearense, autor da TERRA DO SOL, HEROES E BANDIDOS e outras joias literarias já sobejamente conhecidas e apreciadas.

OS NEGROS



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).